



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LIBRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Monise Fiorentin Gomes

**Preparação e Documentação para Intérpretes de Línguas de Sinais**

Florianópolis

2024

Monise Fiorentin Gomes

**Preparação e Documentação para Intérpretes de Línguas de Sinais**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Libras do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Libras.

Orientador: José Ednilson Gomes de Souza-Júnior  
Coorientador: Tarcísio de Arantes Leite

Florianópolis

2024

Gomes, Monise Fiorentin

Preparação e Documentação para Intérpretes de Línguas de Sinais / Monise Fiorentin Gomes ; orientador, José Ednilson Gomes de Souza-Júnior, coorientador, Tarcísio de Arantes Leite, 2024.

93 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - LIBRAS,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - LIBRAS. 2. Interpretação interlíngua. 3. Preparação prévia. 4. Qualidade da interpretação. 5. Processo de interpretação. I. Souza-Júnior, José Ednilson Gomes de . II. Leite, Tarcísio de Arantes . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - LIBRAS. IV. Título.

Monise Fiorentin Gomes

**Preparação e Documentação para Intérpretes de Línguas de Sinais**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras Libras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Libras – Bacharelado.

Florianópolis, 19 de julho de 2024.

---

Coordenação do Curso

**Banca examinadora**

---

Prof. Me. José Ednilson Gomes de Souza-Júnior  
Orientador

---

Prof. Dr. Tiago Coimbra Nogueira  
UFRGS

---

Tilsp Ma. Letícia Regiane da Silva  
UFSC

Florianópolis, 2024

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha gratidão ao meu marido, pelo seu constante apoio, atenção e paciência. As discussões sobre o tema e suas opiniões me ajudaram muito na escrita deste trabalho. Agradeço também aos colegas de profissão que, assim como eu, se preocupam com a reflexão e aprimoramento contínuos, por todas as trocas e discussões, e por compartilharem comigo seus conhecimentos e experiências valiosas. Em especial aos colegas e amigos que consultei e gentilmente compartilharam sua opinião, contribuíram para refinar este trabalho. Por fim, sou imensamente grata ao meu professor orientador, por sua significativa contribuição à minha formação e pela exímia orientação, dedicação e incentivo indispensáveis para a realização desta pesquisa. A todos, meu sincero agradecimento.

A preparação é um fator crítico que aumenta significativamente as chances de interpretar uma interação com sucesso (Demers, 2005, p. 215, tradução nossa).

Preparation is a critical factor that significantly enhances the likelihood of successfully interpreting an interaction (Demers, 2005, p. 215).

## RESUMO

O processo de interpretação é intrinsecamente complexo e envolve uma série de etapas preparatórias fundamentais para o êxito da interpretação, independentemente da modalidade de língua em que o intérprete trabalha. Antes da realização da tarefa de interpretação em si, a preparação é essencial para estabelecer uma base contextual, conceitual e linguística sólidas para a interpretação. Esta etapa, frequentemente subestimada, é enfatizada por diversos autores (Choi, 2005; Gile, 2009; Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014; Kalina, 2005; 2015; González-Montesino, 2016, Nogueira, 2020), que reconhecem a importância da preparação na maximização da qualidade da interpretação. Com base nessa compreensão, o presente estudo teve como objetivos principais investigar o que a literatura científica propõe quanto a informações relevantes para a preparação de intérpretes e sistematizar um guia prático de preparação para intérpretes de línguas de sinais, visando subsidiar o registro e o estudo para uma tarefa de interpretação interlíngua. A metodologia adotada para alcançar esse objetivo envolve uma abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados deste estudo consistiram em um diagrama que apresenta as etapas de preparação de modo mais abrangente, um guia de preparação focado na preparação prévia e documentação, bem como um compêndio de ferramentas digitais e da inteligência artificial, para otimizar ainda mais o processo. Essas contribuições foram derivadas não apenas da análise crítica da literatura existente, mas também da experiência prática dos pesquisadores, que atuam como profissionais da interpretação. Concluiu-se que a bibliografia existente oferece subsídios fundamentais para orientar a preparação do intérprete e a organização delas por meio dos instrumentos elaborados podem proporcionar uma contribuição prática à categoria, ao fornecer informações sintetizadas sobre o processo e os elementos de preparação.

**Palavras-chave:** Interpretação interlíngua; Interpretação intermodal; Preparação prévia; Qualidade da interpretação; Processo de interpretação; Libras.

## ABSTRACT

The interpreting process is intrinsically complex and involves a series of preparatory steps that are fundamental to successful interpreting, regardless of the language modality in which the interpreter is working. Before carrying out the interpreting task itself, preparation is essential in order to establish a solid contextual, conceptual and linguistic basis for interpreting. This stage, which is often underestimated, is emphasized by several authors (Choi, 2005; Gile, 2009; Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014; Kalina, 2005; 2015; González-Montesino, 2016, Nogueira, 2020), who recognize the importance of preparation in maximizing the quality of interpreting. Based on this understanding, the main objectives of this study were to investigate what the scientific literature proposes in terms of relevant information for preparing interpreters and to systematize a practical preparation guide for sign language interpreters, aiming to support documentation and studying before an interlingual interpreting task. The methodology adopted to achieve this objective involves a qualitative approach, based on bibliographic and documentary research. The results of this study consisted of a diagram that presents the preparation stages in a more comprehensive way, a preparation guide focused on prior preparation and documentation, as well as a compendium of digital tools and artificial intelligence resources to further optimize the process. These contributions were derived not only from a critical analysis of the existing literature, but also the practical experience of the researchers, who work as interpreting professionals. It was concluded that the existing literature offers fundamental information to guide interpreter preparation, and organizing it through the tools developed can make a practical contribution to the category by providing synthesized information on the process and elements of preparation.

**Keywords:** Interlingual interpreting; Intermodal interpreting; Prior preparation; Quality of interpreting; Interpreting process; Libras.



## RESUMO EM LIBRAS



### RESUMO:

#### Preparação e Documentação para Intérpretes de Línguas de Sinais

Monise Fiorentin Gomes  
Orientador: José Ednilson Gomes de Souza-Júnior



Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras Libras. 2024.

Disponível em: [https://youtu.be/aTGrN1G7z\\_U](https://youtu.be/aTGrN1G7z_U)



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O modelo gravitacional de disponibilidade linguística .....	23
Figura 2 - Tipos de fontes para preparação .....	31
Figura 3 - Oito etapas para uma interpretação bem-sucedida .....	42
Figura 4 - Combinação entre necessidade de estar preparado, habilidade para prever e tempo necessário para preparação .....	43
Figura 5 - Etapas de preparação para interpretação .....	47
Figura 6 - Como duplicar o modelo para sua conta.....	59
Figura 7- Perfis de intérpretes, conhecimento, tempo de preparação .....	67
Figura 8 - A preparação e o conforto do intérprete ao longo do tempo .....	71

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modelos dos Esforços - Interpretação Simultânea .....	19
Quadro 2 - Modelo dos Esforços de uma língua vocal para uma sinalizada .....	21
Quadro 3 - Preparação: levantamento dos principais elementos .....	46
Quadro 4 - Itens para briefing e preparação prévia .....	54
Quadro 5 - Perfis de atuação e formação dos intérpretes .....	65
Quadro 6 - Exemplo prático - perfis de intérpretes .....	66

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>15</b>
2.1 CONCEITUANDO TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....	15
2.2 INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS.....	17
2.3 TEORIA DA INTERPRETAÇÃO — MODELOS DE DANIEL GILE .....	19
<b>2.3.1 Modelo dos Esforços</b> .....	<b>19</b>
<b>2.3.2 Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística</b> .....	<b>21</b>
2.4 PREPARAÇÃO: ESTRATÉGIA DE INTERPRETAÇÃO E DE QUALIDADE.....	24
<b>2.4.1 A preparação para contextos especializados</b> .....	<b>28</b>
<b>2.4.2 Materiais, fontes e métodos</b> .....	<b>30</b>
<b>2.4.3 Ferramentas tecnológicas para a preparação e documentação</b> .....	<b>32</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>35</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>37</b>
4.1 PREPARAÇÃO PARA A INTERPRETAÇÃO: O QUE DIZEM OS AUTORES ....	37
4.2 DELINEAMENTO DOS ELEMENTOS DE PREPARAÇÃO.....	45
4.3 BRIEFING E PREPARAÇÃO PRÉVIA .....	51
<b>5 PROPOSTA E REFLEXÕES</b> .....	<b>58</b>
5.1 GUIA DE PREPARAÇÃO PARA INTÉRPRETES .....	58
5.2 REFLEXÕES SOBRE A PREPARAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO .....	62
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>
<b>APÊNDICE A – PLANILHA DE DADOS DE GARANTIA DE QUALIDADE SOBRE TRABALHOS DE INTERPRETAÇÃO</b> .....	<b>78</b>
<b>APÊNDICE B – GUIA DE PREPARAÇÃO</b> .....	<b>82</b>
<b>APÊNDICE C – SUGESTÕES DE FERRAMENTAS PARA A PREPARAÇÃO</b> .....	<b>86</b>
<b>ANEXO A – QA DATA SHEET ON INTERPRETING ASSIGNMENTS</b> .....	<b>87</b>
<b>ANEXO B – QUADRO CONTEXTOS DE INTERPRETAÇÃO (JOSÉ EDNILSON)</b> .90	
<b>ANEXO C – DOCUMENTO AIIC</b> .....	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em termos gerais, as atividades de tradução e interpretação interlíngues possuem um objetivo final em comum: levar a mensagem expressa em uma determinada língua para outra. Porém, muitas diferenças operacionais e processuais são percebidas no trabalho dos tradutores e intérpretes. Na tradução, o tradutor possui mais tempo para tomar decisões. As diferentes etapas, incluindo o estudo e pesquisas, podem ser feitas no decorrer da atividade. Assim, a tradução pode ser pausada para uma consulta e retomada a qualquer momento, considerando o prazo disponível para realizar a tradução. Na interpretação, o profissional não dispõe de tempo para edição do texto ou para consultas durante a tarefa, tendo que tomar as suas decisões no momento. Portanto, a única oportunidade que o intérprete possui para estudar e se aprofundar no tema é antes da interpretação.

Sabe-se também que as demandas de interpretação podem envolver múltiplos contextos de atuação, além de uma diversidade de assuntos de praticamente todas as áreas de conhecimento. O profissional, portanto, pode se deparar com temáticas triviais, mas também com discursos aprofundados e especializados. Transitar entre diferentes temas, como por exemplo, engenharia, marketing, medicina, tecnologia etc e com alto nível de qualidade na interpretação é realmente desafiador. Portanto, salienta-se a importância de o intérprete familiarizar-se com a temática e adquirir conhecimento do assunto para alicerçar sua interpretação e como estratégia de prevenção de problemas, ou seja, preparar-se eficazmente. O foco desta pesquisa, portanto, envolve a preparação para as situações de interpretação.

A preparação por parte de intérpretes desempenha um papel crucial na garantia da qualidade da interpretação (Choi, 2005; Gile, 2009; Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014; Kalina, 2005; 2015; González-Montesino, 2016). Ao se prepararem, os intérpretes podem entender melhor o contexto, as nuances e os detalhes do assunto em questão. Isso permite uma interpretação mais precisa e rica terminológica e conceitualmente.

Diante do que foi exposto, evidencia-se a relevância da preparação por parte do intérprete e surgem questões como: isso ocorre na prática? Como se preparam? Quais informações são úteis? Essas e outras indagações se fizeram presentes durante minha trajetória acadêmica e profissional como intérprete de Libras-

português. Presenciei como alguns colegas se preparavam de diferentes formas, e também que alguns não se preparavam. Embora entre a categoria profissional seja bastante difundido o lugar da preparação e sua relevância, os profissionais, em sua maioria, não tiveram treinamento formal sobre como realizá-la. Percebe-se uma abordagem empírica por parte dos intérpretes, devido à carência formativa neste sentido. Estudos evidenciam a necessidade de se pesquisar estratégias de preparação e sua eficácia, além de se estabelecer um conjunto de técnicas e padrões de preparação (Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014).

Nota-se que, apesar de seus esforços, um problema comum enfrentado pelos intérpretes é justamente o não recebimento do material com antecedência, o que permitiria um estudo mais assertivo dos tópicos que serão abordados. O que os profissionais podem fazer quando isso acontece? Através da pesquisa, pistas de como se preparar frente a esse desafio vivenciado constantemente pelos profissionais podem ser encontradas. Outro aspecto a ser considerado é quando os intérpretes recebem os insumos, a leitura de material enviado pelos interlocutores e pesquisa de sinais de termos específicos, que comumente vemos como prática, é suficiente para a preparação dos intérpretes de línguas de sinais? Assim, de maneira geral, busca-se aprimorar a etapa de preparação dos intérpretes, tendo recebido materiais de antemão ou não.

Com enfoque na preparação individual, a presente pesquisa procurou investigar: como os intérpretes de línguas de sinais podem se preparar para sua atuação de maneira prática e eficiente? Através da resposta a essa pergunta, almejou-se apresentar uma proposta que possa contribuir com a etapa do trabalho que antecede a interpretação. A inexistência de modelos e protocolos de preparação bem definidos na área da interpretação de línguas de sinais foi o motivador da temática e objetivos desta pesquisa.

Desse modo, a pesquisa objetivou investigar o que a literatura propõe, até o momento, quanto às informações relevantes para a preparação de intérpretes de línguas vocais e sinalizadas, além de sistematizar um guia de preparação que possa contribuir para a prática profissional de intérpretes de línguas de sinais. Para tanto, buscou-se realizar uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema; discutir estratégias de preparação que possam contribuir para organizar e promover um trabalho de qualidade; desenvolver e apresentar um guia de preparação individual contendo recomendações práticas no intuito de otimizar a preparação dos intérpretes.

Como os intérpretes se preparam ou podem se preparar são temáticas emergentes, haja vista poucas pesquisas disponíveis sobre o assunto no momento deste estudo, principalmente em se tratando de intérpretes de línguas de sinais. Portanto, investigar sobre a preparação contribui para a área de interpretação e para a categoria diretamente em sua prática. Logo, a proposta pretende contribuir de modo prático, ao mesmo tempo que pode servir como base para desenvolvimento de novas pesquisas para aprofundamento e evolução do guia.

Dessa maneira, os profissionais já atuantes no mercado de trabalho podem se beneficiar com essa pesquisa à medida que poderão ampliar seu conhecimento sobre o tema e utilizar as propostas aqui apresentadas em suas atividades profissionais. Além disso, trata-se de uma demanda relacionada também à formação de novos profissionais (Nogueira; Santos, 2018). A disponibilidade de materiais e pesquisas sobre preparação e orientações com esse respeito servem como um guia valioso para estudantes em formação, os quais necessitam aprender como se preparar de maneira eficaz.

Para uma melhor compreensão do estudo, este trabalho foi estruturado em seis capítulos. O Capítulo 1 foi introdutório. O Capítulo 2 aborda o referencial teórico utilizado, apresentando a teoria adotada e os principais modelos aplicados à interpretação que fundamentam o estudo. A preparação e sua relevância foram discutidas, destacando como ela se constitui uma estratégia essencial para a redução de esforços e qualidade da interpretação. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre a preparação para interpretação em contextos especializados, além de explorar os diversos materiais, fontes e métodos utilizados pelos intérpretes e as ferramentas tecnológicas que podem auxiliar na preparação. Todo o capítulo integra uma revisão de literatura que sustenta as discussões.

No Capítulo 3, detalha-se a metodologia da pesquisa. O Capítulo 4 apresenta a análise e os resultados obtidos, categoriza os elementos de preparação mencionados na literatura e foca na etapa inicial de briefing e preparação prévia. O capítulo 5 é destinado a apresentar a proposta do guia de preparação e trazer uma discussão sobre a preparação e especialização. Por fim, no Capítulo 6, apresenta-se as conclusões, suas implicações práticas e sugestões para pesquisas futuras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CONCEITUANDO TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

É essencial compreender que, embora a tradução e interpretação estejam relacionadas à translação de significados entre idiomas, apresentam distinções em termos de processo, operação e uso. Nesta seção, serão abordadas as principais diferenças que permitem distingui-las em duas categorias bem definidas<sup>1</sup>, principalmente no que se refere à preparação. Primeiramente, as definições de tradução e interpretação serão apresentadas.

Definições recentes sobre os processos tradutórios e interpretativos incluem as características e especificidades envolvidas nas traduções e interpretações de línguas de sinais. Alguns teóricos, ao abordarem a tradução, trataram a tradução como envolvendo textos escritos exclusivamente, haja vista que suas experiências e teorias majoritariamente são relacionadas a línguas vocais. Porém, a ideia de textos escritos não contempla todas as atividades tradutórias, uma vez que, por exemplo, em línguas de sinais, é comum encontrar textos gravados em vídeo, ou seja, traduções sinalizadas oralmente, pelo registro corporal e não escrito. De maneira que, o texto está disponível em um determinado suporte e pode ser revisitado, assim como a tradução para vídeo pode ser ajustada o quanto for necessário. A seguir, a definição trazida por Rodrigues e Christmann (2023, p. 20):

[...] compreende-se que em processos tradutórios, o texto-fonte — escrito, em áudio ou em vídeo — chega ao(à) tradutor(a), em sua forma final, por meio de um dado suporte físico ou virtual, para que este possa manipulá-lo, conforme as demandas e necessidades definidas pelo encargo assumido, ajustando-as ao seu modo de trabalho, tendo tempo hábil, ainda que limitado, para consultar recursos de apoio, enquanto desenvolve sua atividade, e para realizar a revisão do texto-alvo, em seu suporte final, antes de sua entrega e/ou de sua disponibilização ao público.

Os pesquisadores destacam a recepção do texto fonte, o meio de registro, o tempo para a produção do produto, os recursos de apoio e a possibilidade de manipulação posterior desse texto produzido. Agora, veja as características de uma interpretação. Segundo os autores Rodrigues e Christmann (2023, p. 28):

[...] em processos interpretativos, o texto-fonte — durante o seu desenvolvimento escrito ou oral — é, gradativamente, disponibilizado ao intérprete, que o vai recebendo na medida em que ele é produzido e se esvai; fato que demanda uma atuação imediata, e em conformidade com o encargo assumido e com suas circunstâncias de realização, com pouca possibilidade de apoio externo, e com a necessidade de ir ajustando-se ao ritmo de

---

<sup>1</sup> Aqui não se entra em detalhes a respeito de atividades com características híbridas.



(re)produção/disponibilização do texto-fonte e às características de seu público final que, comumente, acompanha, presencial ou remotamente, o desenrolar de todo o processo.

Nesse segundo conceito, observa-se que a recepção é gradativa e o tempo de entrega imediato. Portanto, com as definições estabelecidas, agora pode-se analisar as características operacionais das atividades. Em uma tradução, o tradutor consegue ajustar seu modo de trabalho, tendo tempo hábil, ainda que limitado (Rodrigues e Christmann, 2023). Isto significa que, embora alguns contratos sejam fechados com um prazo bem curto, ainda assim o profissional consegue manejar seu tempo e fazer as consultas necessárias e cabíveis naquele determinado prazo, como, por exemplo, consultar dicionários, sites, colegas, especialistas, entre outros, com possibilidade de revisão e no seu próprio ritmo (Pagura, 2015).

Na interpretação, diferentemente da tradução, o profissional não dita o seu ritmo de trabalho, não há tempo hábil para consultas, para revisar o texto várias vezes e poder refiná-lo. As suas escolhas são feitas na hora, em segundos, enquanto está recebendo o texto a ser interpretado, está produzindo o texto de chegada. O máximo de apoio externo que se pode ter no decorrer da interpretação é a ajuda de intérpretes da equipe (Pagura, 2003). Portanto, conforme Gile (2009, p. 144): “Antes de começar a trabalhar numa conferência, os intérpretes necessitam de adquirir o máximo de informação específica possível, enquanto os tradutores podem adquirir conhecimentos enquanto traduzem o seu texto”.

Ambas as profissões, de tradutor e intérprete, são desafiadoras, porém, a interpretação exige um agir instantâneo complexo de se coordenar. Frente a isso, cabe aos profissionais se prepararem em todos os aspectos para diminuir a dificuldade a medida do que lhes é possível. Conforme mencionado, o intérprete deverá ter adquirido as informações e conhecimentos necessários antes da sua atuação.

Para finalizar essa seção, Cavallo (2019, p. 20) sintetiza bem a diferença operacional entre tradução e interpretação no que se refere à preparação e consultas. Segundo ela, os tradutores utilizam recursos terminológicos e lexicográficos após receberem o material. Já os intérpretes, pesquisam e se preparam antes do evento, com base na antecipação.

Portanto, os conceitos de tradução e interpretação, bem como suas diferenças operacionais, foram trazidos aqui para delimitar o objeto de estudo desta pesquisa que é a preparação para a interpretação.

## 2.2 INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Na seção anterior, refletiu-se sobre os trabalhos de tradução e interpretação e suas diferenças. Agora, o foco será as especificidades da interpretação de línguas de sinais, enfoque deste trabalho.

A interpretação simultânea é uma modalidade de interpretação mais comumente utilizada hoje em dia (Pagura, 2003). Essa modalidade é frequentemente encontrada dentre os trabalhos de interpretação de línguas de sinais. Em termos gerais, a modalidade da interpretação simultânea é aquela que ocorre (quase) ao mesmo tempo da fala original. Assim, enquanto uma pessoa está falando, o intérprete está ouvindo ou vendo a fala dela, processando e produzindo a fala em outra língua. Somente alguns segundos separam a fala original da fala interpretada. Para que isso aconteça, um processo tríplice ocorre, ouvir/processar/expressar simultaneamente, sem descuidar dos enunciados seguintes, o que exige capacidade de concentração do intérprete simultâneo (Pagura, 2015).

Visto a simultaneidade dos processos, o intérprete tem poucos segundos para pensar, fazer escolhas que melhor se adequem ao contexto, produzir o texto alvo cuidando do ritmo, entonação e ainda não descuidar das frases seguintes. A carga cognitiva e de estresse frente a pressão do tempo e da própria dificuldade da tarefa é alta. Por isso, a interpretação simultânea é altamente complexa, envolvendo várias fases sobrepostas, com ritmos ditados pelo orador na língua original. Além disso, ocorre em uma situação comunicativa artificial, diferente de outras situações bilíngues naturais (Cavallo, 2015, p. 65).

Além do mais, a interpretação simultânea pode ocorrer em diferentes contextos: interpretação de conferências, interpretação comunitária, interpretação em tribunais (ou jurídica), interpretação na mídia (ou midiática), interpretação de acompanhamento (ou ligação), interpretação médica (ou na área da saúde), entre outras (Pagura, 2015). Cada uma delas demanda conhecimentos e expertise do profissional que também se relacionam com a preparação.

No caso da interpretação entre uma língua de sinais e uma língua vocal<sup>2</sup> - interpretação intermodal<sup>3</sup>, há alguns aspectos distintivos se comparado a um par

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, adota-se 'língua vocal' para se referir a línguas de modalidade vocal-auditiva.

<sup>3</sup> Entre línguas de modalidades diferentes.

linguístico composto por duas línguas vocais. As línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, articuladas através do corpo e percebidas pela visão. Portanto, os intérpretes de línguas de sinais geralmente estão em um local visível sinalizando, ou olhando para a pessoa que está sinalizando, enquanto interpretam para a língua vocal.

Ainda que a possibilidade de consulta seja mínima durante a interpretação, intérpretes de línguas vocais, na sua cabine, conseguem tomar notas e consultar documentos se necessário, pois o canal visual está 'livre' nesse caso, bem como suas mãos para manuseá-los. No caso dos intérpretes de línguas de sinais, isso não é possível. Suas mãos estão em uso constantemente, e geralmente estão em pé no palco ou frente as pessoas envolvidas, os recursos de apoio externo são limitados, normalmente sendo o colega na função de apoio. O mesmo se aplica quando se interpreta para a língua vocal, os olhos estão fixos na pessoa sinalizante, somente sendo possível olhar rapidamente para o slide, se houver, e receber apoio do colega. Tal diferenciação evidencia a relevância da preparação no caso de intérpretes intermodais.

Ainda é possível distinguir a interpretação intermodal considerando as diferenças entre as línguas, por exemplo, na quantidade de léxico entre a Libras e o português se comparado com outro par linguístico das línguas vocais (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013; Houaiss, 2001). A disponibilidade de recursos linguísticos, como vocabulário e glossários, é menor na Libras em comparação com o português por razões historicamente conhecidas. Avanços atuais tem possibilitado que a Libras passe por um processo de ampliação do seu léxico e consolidação de uma gramática de uso e normativa. Ademais, recursos adicionais por parte do intérprete são demandados para lidar com a translação intermodal dessas línguas e devem ser consideradas na sua preparação.

Após essas reflexões que estabeleceram as particularidades consideráveis ao se trabalhar com línguas de modalidades diferentes, discute-se no tópico seguinte a respeito da teoria da interpretação e dos modelos que nos ajudam a compreender os processos envolvidos na interpretação. Processos esses que fazem alusão ao esforço cognitivo e aos desafios supracitados, bem como ajudam a entender o papel da preparação nessa modalidade de atividade profissional.

## 2.3 TEORIA DA INTERPRETAÇÃO — MODELOS DE DANIEL GILE

### 2.3.1 Modelo dos Esforços

Daniel Gile, renomado teórico, profissional e professor da área de tradução e interpretação, propôs um modelo descritivo da interpretação simultânea em termos didáticos denominado de *Effort Model*, Modelo dos Esforços. Para Gile (2009), a interpretação simultânea pode ser descrita como um processo contendo três principais esforços: o de Audição e análise, Memória de curto prazo, Produção do discurso e mais um esforço de Coordenação dos outros três esforços. A representação criada por Gile, que tem formação na área de matemática, remete a uma fórmula:

Quadro 1 - Modelos dos Esforços - Interpretação Simultânea

$SI = L + P + M + C$ <p>SI = Simultaneous Interpreting - Interpretação Simultânea  L = Listening and analysis - Audição e análise  P = Speech production - Produção do discurso  M = Short-term memory - Memória de curto Prazo  C = Coordination - Coordenação</p>
---

Fonte: Gile (2009, p.168, tradução nossa)

No entanto, ele salienta que os símbolos utilizados de “=” e “+” não devem ser interpretados como seus significados na área da matemática e sim como “consiste em” e “mais” (no sentido geral e não de adição aritmética) respectivamente. Gile (2009) detalha o que estaria envolvido em cada um desses esforços no momento da interpretação simultânea:

- O esforço de Audição e análise envolve a compreensão, desde a escuta do som, identificação das palavras ao significado do enunciado. Paralelamente, na interpretação de uma língua de sinais para uma língua falada<sup>4</sup>, o esforço de Visualização e Análise.
- O esforço de Produção do discurso é a parte da entrega da mensagem incluindo sua organização, automonitoramento contínuo e correção quando necessário.
- O esforço de Memória de curto prazo envolve o tempo necessário de escuta dos fonemas até sua completa identificação, o tempo envolvido na produção do discurso, os trechos que são armazenados na memória enquanto acontece a sua produção, além de armazenamento devido a dificuldades do discurso, no qual o intérprete aguarda até que o contexto o ajude a compreender. Fatores relacionados às características da língua também exigem da Memória de curto prazo, pois algumas frases necessitam ser invertidas na interpretação e por esse motivo é necessário esperar a conclusão da frase para que isso seja identificado pelo intérprete.

<sup>4</sup> No original: spoken language.

- O esforço de Coordenação é necessário para coordenar e direcionar a atenção entre os esforços, pois estas não são operações automáticas.

Ao detalhar os esforços supracitados, adicionalmente três premissas operacionais são explicadas por Gile (2015):

- a. Cada um dos três esforços requer atenção e possui componentes não automáticos.
- b. Os três esforços competem entre si, aumentando geralmente a demanda por capacidade de processamento.
- c. A maior parte do tempo, os intérpretes trabalham perto do limite de saturação, conforme a “Teoria da Corda Bamba”<sup>5</sup>.

Assim sendo, cada um dos esforços exige uma capacidade de processamento e juntas não devem exceder a capacidade de processamento disponível total. Equilibrar todos os esforços e atenção de modo que isso não aconteça é complexo e podem surgir dificuldades, conforme explica Gile (2009):

Às vezes, é a alocação inadequada da capacidade de processamento disponível entre os Esforços que causa problemas. Por exemplo, o intérprete pode direcionar demasiada atenção para a produção de uma reformulação elegante de um segmento previamente ouvido do discurso fonte e pode, portanto, não ter capacidade suficiente para completar uma tarefa de escuta num segmento seguinte (p.170, tradução nossa).

Neste sentido, pode-se refletir sobre como a preparação pode influenciar esse processo e até evitar esses problemas. Se o intérprete não se preparou suficientemente, poderá ter dificuldade de entender o que está sendo falado, tanto em termos de reconhecer as palavras ditas, quanto de saber o seu significado. Com isso, ele acaba alocando maior atenção para o esforço de audição e análise, o que pode acabar sobrecarregando e desequilibrando a coordenação dos esforços e, conseqüentemente prejudicar o resultado da interpretação.

De modo similar, mesmo que o termo seja conhecido pelo intérprete, ou seja, conheça seu significado e uso, ele pode não ter se preparado e planejado previamente em como interpretá-lo para a outra língua. Nesse caso, o esforço de produção pode acabar sobrecarregado porque o intérprete está utilizando o processamento cognitivo para elaborar uma produção satisfatória na hora, o que poderia ter sido evitado com a preparação.

---

<sup>5</sup> “Qualquer aumento na demanda de capacidade de processamento e qualquer instância de má gestão da “Corda Bamba” de recursos cognitivos pelo intérprete pode trazer sobrecarga ou déficit de atenção em determinado local (em um dos Esforços) e conseqüente deteriorização do *output* do intérprete” (Gile, 2015, p. 601).

Gile (2009) já sinalizava de maneira sutil as diferenças envolvendo os intérpretes de línguas de sinais. Posteriormente, um Modelo de Esforços para a interpretação entre língua vocal e língua de sinais também foi desenvolvido. O princípio é o mesmo, porém mais esforços foram identificados, que são específicos deste tipo de interpretação simultânea, entre uma língua de sinais e uma língua vocal. Portanto, a seguir, apresenta-se outra fórmula com a adição de dois novos esforços:

Quadro 2 - Modelo dos Esforços de uma língua vocal para uma sinalizada

$\text{Sim} = L + M + P + \text{SMS} + \text{OID} + C$ <p>Sim = Simultaneous Interpreting - Interpretação Simultânea  L = Listening and analysis - Audição e análise  M = Short-term memory - Memória de curto prazo  P = Speech production - Produção do discurso  <b>SMS = Self-Management in Space - Autogestão no espaço</b>  <b>OID = Online Interaction with the Deaf - Interação em tempo real com Pessoas Surdas</b>  C = Coordination - Coordenação</p>
--

Fonte: Gile (2023, tradução nossa)

A SMS traduzida como Autogestão no espaço, inclui o posicionamento físico do intérprete. Analisar o melhor ângulo para otimizar a compreensão do discurso fonte e a produção da sinalização para as pessoas surdas (Gile, 2023). O segundo esforço adicionado, OID, é o esforço de Interação em tempo real com as pessoas surdas. As pessoas surdas podem sinalizar entre elas ou diretamente para o intérprete que às vezes precisa responder, isso enquanto oradores falam, o que exige recursos de atenção (Barbosa, 2014).

Nas próximas seções, a discussão sobre o modelo dos esforços e sua relação com a preparação será retomada juntamente com outro modelo que Gile propõe, que será explanado a seguir.

### 2.3.2 Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística

O *Gravitational Model of Language Availability* - Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística é outro modelo apresentado por Gile (2009). Primeiramente, explana-se o que significa disponibilidade linguística na produção e compreensão de discursos. Segundo Gile (2009), a disponibilidade

se refere ao tempo e à quantidade de capacidade de processamento necessária para transformar um sinal visual ou auditivo em um elemento linguístico, como uma palavra, uma sílaba, uma vogal ou consoante, etc., na compreensão, e o tempo e a quantidade de capacidade de processamento necessária para recuperar da memória de longo prazo as palavras ou

estruturas linguísticas apropriadas que são necessárias para expressar verbalmente uma ideia ou informação (p. 259, tradução nossa).

A disponibilidade na produção do discurso se relaciona com o planejamento da mensagem, pode haver variação no processamento e no tempo que o emissor leva para recuperar a palavra apropriada, sintaxe ou outras regras da memória de longo prazo. No cotidiano, é comum notar problemas de disponibilidade quando uma palavra não vem à mente imediatamente ou quando é necessário esforço consciente para decidir como continuar ou concluir uma frase. A falta de disponibilidade se mostra principalmente por meio de pausas e hesitações (Gile, 2009).

A disponibilidade na compreensão do discurso envolve o processamento das palavras. Há ocasiões que o entendimento leva mais tempo porque a palavra não é familiar ou a pronúncia é incomum. Experimentos de dupla tarefa em psicolinguística demonstram que quando os sujeitos são instruídos a ler ou ouvir enquanto realizam outra tarefa, a compreensão da linguagem é mais lenta devido à divisão da capacidade de processamento. Isso também é observado na interpretação simultânea, onde a compreensão da fala fonte ocorre ao mesmo tempo que a produção da fala-alvo. Portanto, a disponibilidade de compreensão é um parâmetro relevante para o intérprete (Gile, 2009).

De maneira sucinta, a disponibilidade linguística é o tempo que se leva para encontrar ou entender uma palavra, ou estrutura linguística. Também se relaciona com o esforço demandado. Portanto, a disponibilidade linguística é a variável (conceitual) que mede esse tempo/esforço (Gile, 2023).

A alta disponibilidade do idioma é crucial para o sucesso da interpretação (Gile, 2009), pois conforme apresentado anteriormente, no Modelo dos Esforços e a Hipótese da Corda Bamba, há uma concorrência pela capacidade de processamento entre os vários esforços, e a disponibilidade insuficiente pode levar a saturação e falhas (Gile, 2009). Isso ocorre porque a baixa disponibilidade linguística pode afetar a produção e a compreensão. A produção se torna mais lenta, principalmente pausas de hesitação e alongamento de sílabas (Gile, 2023). Embora não seja um grande problema na conversação cotidiana, é altamente problemático na interpretação simultânea. Se a produção da fala for muito lenta, o intérprete fica muito atrás da fala do orador e precisa armazenar muitas informações na memória de curto prazo/trabalho e, por fim, “perde” informações devido à saturação (Gile, 2023). Já na compreensão, a baixa disponibilidade diminui o processamento do trecho de fala, é

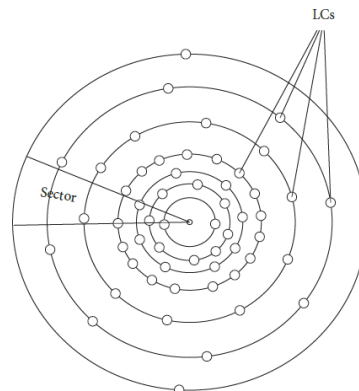
um problema grave na interpretação (consecutiva ou simultânea). Pode resultar em não-compreensão quando a memória de trabalho está saturada.

A interpretação, especialmente a simultânea, exige quase toda a capacidade de processamento disponível, portanto, é fundamental que estudantes e profissionais elevem a disponibilidade linguística a um nível máximo (Gile, 2009). A preparação proporciona isso, que por sua vez, reduz a capacidade de processamento necessária durante a interpretação, diminuindo os riscos de saturação, erros e omissões. Qualquer economia na capacidade de processamento tem um valor substancial, visto que intérpretes frequentemente trabalham próximos à saturação (Gile, 2002).

Gile (2009) considera que as línguas naturais são compostas por Constituintes Linguísticas (CLs), são eles: unidades lexicais; regras de composição de linguagem geral e regras de linguagens especializadas. Os CLs possuem diferentes níveis de disponibilidade, para cada idioma usado por um emissor. Pode ocorrer a recuperação instantânea e totalmente sem esforço da memória de longo prazo, ou uma palavra ser “conhecida”, mas não estar disponível em um determinado momento.

O Modelo Gravitacional representa um dos estados (compreensão, produção, compreensão escrita, produção escrita) de uma língua em um determinado momento e em determinadas circunstâncias, descrevendo a disponibilidade relativa de seus CLs. Para mapear graficamente esse padrão bastante complexo, Gile (2009) utiliza uma estrutura gravitacional simples como a usada por Bohr para descrever o átomo (Figura 1). Os CLs estão sendo representados pelos pequenos círculos gravitando em órbitas ao redor de um núcleo. A distância entre uma órbita e o núcleo do Modelo é uma indicação de disponibilidade: quanto mais próxima a órbita estiver do núcleo, maior será a disponibilidade (Gile, 2009, p. 228).

Figura 1 - O modelo gravitacional de disponibilidade linguística



Fonte: Gile (2009, p. 228)



No contexto da química, por exemplo, quanto mais próximo um elétron estiver do núcleo, maior será a força de atração e mais firmemente ele será mantido pelo átomo. Os elétrons mais afastados do núcleo têm uma menor força de atração e, conseqüentemente, podem ser mais facilmente deslocados para outro átomo. Retomando a analogia para o nosso contexto, as CLs mais próximas do núcleo estarão mais retidas e mais disponíveis, enquanto aquelas mais afastadas terão uma força de retenção menor, tornando-as de baixa disponibilidade.

Um fato importante sobre a disponibilidade dos CLs é que ela não é estática, dependendo das circunstâncias, aumenta ou diminui. No modelo gravitacional, o aumento da disponibilidade é representado pela migração “centrípeta” (para dentro) dos CLs relevantes (movimento de órbitas distantes para órbitas mais centrais) e a diminuição da disponibilidade por meio de migração (mudança para órbitas mais distantes do centro) (Gile, 2009, p. 229). Sendo assim, quanto mais disponíveis as CLs do intérprete estiverem, melhor. Uma maior disponibilidade linguística resulta em menos esforço cognitivo e maior agilidade na recuperação das palavras. A preparação é benéfica também neste processo, para a migração das CLs. Durante a preparação para uma conferência, os intérpretes revisam termos e conceitos, tornando-os cognitivamente mais acessíveis.

#### 2.4 PREPARAÇÃO: ESTRATÉGIA DE INTERPRETAÇÃO E DE QUALIDADE

Apesar de na maioria das vezes não serem especialistas na área, os intérpretes devem ser capazes de compreender e expressar as ideias para o público que pode ter maior conhecimento na área. Por exemplo, em uma conferência ou congresso de medicina, o intérprete não domina a área como um médico, mas realiza a interpretação simultânea do evento (Pagura, 2015). Intérpretes devem ser capazes de proferir discursos com um padrão linguístico equiparável a quem estão interpretando, sejam elas diplomatas, cientistas, políticos, artistas ou intelectuais. Além disso, devem ser adequados às circunstâncias específicas, como conferências de imprensa, discursos políticos, apresentações científicas etc (Gile, 2009). Neste sentido, interpretar sem o estudo da temática do evento é assumir diversos riscos para além dos desafios inerentes à tarefa de interpretação.

A preparação é muitas vezes negligenciada (Choi, 2005), o que não deveria ocorrer. Uma vez que a qualidade das informações traduzidas ou interpretadas e sua acurácia são essenciais para o sucesso da comunicação, “o tradutor ou intérprete que

não tenha adquirido o devido conhecimento do assunto causará resultados no mínimo risíveis e, na maioria das vezes, catastróficos” (Pagura, 2015, p. 185).

Por isso, diversos autores destacam a importância da preparação para a interpretação. Segundo a definição encontrada na enciclopédia organizada por Pöchhacker e escrita por Kalina (2015, p. 318): “A preparação para um trabalho de interpretação é um elemento crucial de qualidade em todos os tipos de interpretação”. González-Montesino (2016, p. 247) dialogando com outros autores, diz que “quanto melhor preparado estiver o ILS<sup>6</sup>, menos problemas e dificuldades encontrará”. Isso porque, o intérprete, diferentemente do tradutor, não tem como usar recursos de consulta durante a interpretação. Pagura (2003, p. 227) cita Padilla e Martin (1992, p. 197) destacando a preparação lexical e conceitual exaustiva do assunto antecipadamente como “a única maneira em que o intérprete pode afetar o processo de compreensão”, portanto, não é uma etapa somente importante, mas determinante e crítica na sua realização bem-sucedida (Demers, 2005).

Sendo assim, o trabalho de um intérprete não se limita ao horário estabelecido do ato interpretativo. Para qualquer contexto de atuação, é necessário um tempo reservado de preparo anterior. O intérprete deverá buscar informações acerca do que irá interpretar. Muitas vezes não se percebe o impacto que algo tem, até que seja notada sua falta. Neste sentido, a analogia utilizada por Bélanger (2015, p. 255-256, tradução nossa) a respeito da preparação é elucidativa:

[...] imagine que você precisa montar um quebra-cabeça sem ter visto a imagem completa. Você se sentiria continuamente em dúvida e apreensivo, tenderia a demonstrar cautela excessiva e preferiria recorrer a informações imediatamente reconhecíveis – as peças do contorno – dificilmente ousando manipular as peças centrais, que são a essência do processo. Transposto para uma tarefa de interpretação, é fácil imaginar as repercussões de uma falta de preparação, ou o problema de não ter uma visão completa da situação em que se vai interpretar.

Essa analogia leva a conclusão que interpretar sem preparação não é impossível, porém, não será nada fácil para o intérprete, além da discussão primordial do quanto esse processo será refinado e qualificado, possivelmente construindo produto textual desfigurado como um quebra-cabeças montado errado, prejudicando tanto o público quanto o próprio intérprete. Portanto, a preparação pode facilitar e qualificar a interpretação.

---

<sup>6</sup> Intérprete de Língua de Sinais.

Outra vantagem da preparação é a influência positiva no fator psicológico. Juntamente com a compreensão, a preparação mental tem grande importância e contribui como fator determinante do desempenho (Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014). Com maior familiaridade com o propósito, dinâmica e participantes da aula ou reunião, o intérprete se sente mais confortável, seguro, confiante e capaz de antecipar os eventos (Santos; Lacerda, 2018). Como resultado, estará melhor preparado para facilitar a interação (Demers, 2005).

Não menos importante é a relação entre preparação e profissionalismo. Já que há grande responsabilidade envolvida nos serviços de interpretação, é essencial que os intérpretes estejam cientes do seu compromisso com a preparação adequada antes de realizar uma interpretação. Por exemplo, em interpretações comunitárias, “[...] os intérpretes devem se preparar principalmente a respeito da responsabilidade do seu discurso e dos desafios linguísticos e culturais que podem surgir na hora da interpretação” (Kalina, 2015, p. 318).

Em seu artigo, Nogueira (2020, p. 331) discute a preparação de intérpretes atuando em conferências e enfatiza a “necessidade do registro e da observação das estratégias utilizadas por intérpretes de Libras-Português atuando em contextos reais”. A busca dessas informações tem o intuito de melhorar o aproveitamento do momento de preparação.

A pesquisa de Nogueira (2020) teve foco nas atividades de preparação coletiva de uma equipe de intérpretes atuando em conferência, não individual. Porém, o autor cita Russel (2011, p. 3) que evidencia o impacto da preparação individual na dinâmica e na qualidade da equipe como todo. Enquanto coordenador de um grande congresso, Russel conta que recebeu feedback positivo dos clientes que percebiam quando os intérpretes estavam bem preparados, enquanto a falta de preparação também era percebida, o que influenciou a percepção de profissionalismo desses intérpretes individualmente. Neste sentido, salienta-se que a etapa de preparação é essencial para um trabalho comprometido e fator potencial de elevação na qualidade, corroborando com as considerações de Nogueira (2020) que defende que a ausência de preparação pode gerar imprecisão terminológica e afetar a credibilidade do serviço. Assim, para ele, a fase pré-conferência deve ser bem aproveitada, visa o estudo, planejamento e definição de ações preventivas que contribuem e afetam positivamente a interpretação.

Para Gile (2009), a preparação é uma estratégia de interpretação, pois as estratégias são ações planejadas com objetivos específicos. Assim, se com a preparação, problemas podem ser evitados ou amenizados e sem a preparação não, então pode-se afirmar que a preparação é uma estratégia inteligente e preventiva. No que diz respeito ao Esforço de Audição, mencionado anteriormente, a falta de preparo causará dificuldades no reconhecimento dos termos pronunciados (Bélanger, 2015, p. 256). A autora cita um exemplo em uma aula de química, em que dois termos em inglês podem ser confundidos. Na área tecnológica, por exemplo, especificamente na programação, o intérprete pode não reconhecer o termo 'iteração'<sup>7</sup> que se difere de 'interação'<sup>8</sup>, e utilizar erroneamente este último, transmitindo uma informação equivocada.

Em termos dos processos cognitivos envolvidos na interpretação, a antecipação pode ser uma grande aliada. Gile (2009) aborda dois tipos: antecipação linguística e antecipação extralinguística. Esta última, será apresentada com mais detalhes a seguir. "O bom conhecimento da situação da conferência, do assunto e do orador e uma boa compreensão do desenrolar das declarações geralmente possibilitam a antecipação de ideias e informações expressas nos discursos" (p. 174). Assim, a antecipação está relacionada com ter conhecimento da probabilidade do discurso tomar uma direção em determinado contexto. À medida que há maior antecipação, consegue-se reduzir a incerteza, promovendo uma redução no processamento cognitivo, o que é benéfico para a interpretação. Isso ressalta a importância crucial do conhecimento extralinguístico e da preparação.

Com base no Modelo dos Esforços e na Teoria da Corda Bamba, ambas de autoria de Gile, Bélanger (2015) apresenta os recursos que os intérpretes de Língua de Sinais Franco-Quebequense têm à sua disposição para facilitar a distribuição dos esforços e manter o equilíbrio durante a interpretação. O desafio do equilíbrio na interpretação está relacionado à limitação de tempo. As estratégias devem priorizar a economia de tempo e a eficiência no uso do mesmo (Bélanger, 2015).

---

<sup>7</sup> Na área da computação, iteração se refere a um processo repetitivo onde um conjunto de instruções é executado múltiplas vezes, geralmente com base em uma condição específica. É uma técnica fundamental em programação, usada para percorrer listas de dados, realizar cálculos iterativos e implementar algoritmos de repetição, como loops.

<sup>8</sup> Influência recíproca de dois ou mais elementos. Na área de tecnologia: a interação entre o usuário e a interface de um programa.

A autora classifica as estratégias em dois grupos: a) estratégias de prevenção: estratégias antecipatórias empregadas antes do evento e b) estratégias de preservação: estratégias implementadas durante a execução da interpretação. Dentre as estratégias de prevenção está a preparação, por possibilitar maior previsibilidade ao evento, aumenta a chance de antecipação das falas e acontecimentos e ajuda a reduzir o *lag time*<sup>9</sup> entre orador e intérprete, que em geral, possuem referências comportamentais e cognitivas distintas (Bélanger, 2015).

A pesquisa de Nicodemus; Swabey; Taylor (2014) sobre intérpretes de ASL- Inglês, menciona o estudo de Galaz (2011), o qual examinou os efeitos da preparação na precisão, omissões e *ear-to-voice-span* para interpretações de discurso científico proferidas por 14 estudantes intérpretes que eram falantes de espanhol como L1 interpretando para inglês. A relação entre a preparação e a dificuldade percebida foi significativa, com alunos intérpretes que se prepararam mostrando maior precisão, menos omissões e um *ear-to-voice-span* maior em comparação com aqueles que não se prepararam. Uma possível indicação de que as demandas cognitivas envolvidas no processo de interpretação são reduzidas quando o intérprete se preparou previamente (Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014).

#### **2.4.1 A preparação para contextos especializados**

Contextos técnicos e especializados possuem sua própria linguagem, o que se torna desafiador para o intérprete na sua preparação. A terminologia muitas vezes é extensa e sofre constante mudança. A palavra terminologia significa um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social”, como, por exemplo, a terminologia da medicina ou a terminologia usada pelos especialistas em computação. Também é uma “disciplina lingüística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade” (Pavel; Nolet, 2001, p. 17).

A linguagem de especialidade se difere da linguagem geral. Enquanto a linguagem geral é mais amplamente compreendida e utilizada em contextos cotidianos, a linguagem de especialidade é mais técnica e específica, empregada em áreas profissionais ou acadêmicas para comunicar ideias precisas dentro de um

---

<sup>9</sup> O tempo entre a entrega da mensagem original e a entrega da mensagem interpretada. Também chamada de *décalage* ou *ear-to-voice-span*.

campo específico de conhecimento. A terminologia especializada abrange não apenas ciência e tecnologia, mas também áreas como política, publicidade, marketing e até mesmo esportes. Estas áreas possuem vocabulários específicos que podem representar desafios para os intérpretes, principalmente devido à constante evolução dos termos e à falta de equivalentes em outros idiomas (Lucarelli, 2006).

Palavras comuns também podem adquirir um caráter especializado em determinados contextos ou podem ser usadas em conjunto com termos especializados. Para a área de interpretação, isso pode levar à dificuldade de distinguir entre linguagem geral e linguagem especializada, o que pode representar um desafio para os intérpretes na compreensão e na transmissão precisa das informações. Fantinuoli (2017, p. 29) diz que de maneira geral, a terminologia usada em uma conferência técnica ou científica pode ser dividida — no que diz respeito à perspectiva do intérprete — em três categorias principais: termos gerais tipicamente usados no domínio especializado; termos de alta frequência do domínio especializado; termos de baixa frequência do domínio especializado.

O desafio inicial para o intérprete é identificar o grau em que os termos especializados podem ser usados em um determinado trabalho e se preparar adequadamente. “[...] É importante procurar dificuldades inesperadas e, quando algo parecer fácil, perguntar se realmente é: o fato de você saber como controlar talão de cheques não significa que você realmente entenda de contabilidade” (Lucarelli, 2006, p. 11). Além de lidar com o jargão técnico, intérpretes podem enfrentar dificuldades ao compreender o significado e acompanhar o orador em conferências técnicas.

A preparação da conferência tem sido proposta na literatura como uma das fases mais importantes de um trabalho de interpretação, especialmente se o assunto for altamente especializado (Gile, 2009; Díaz-Galaz, 2015 *apud* Fantinuoli, 2017). A mobilização da terminologia especializada é uma parte importante da preparação. No entanto, alguns autores enfatizam que a preparação vai além do estudo de termos técnicos e inclui a compreensão de conceitos, contexto, interações, instituições envolvidas, objetivo da reunião e maneira específica de falar dos especialistas (Gile, 2002; Lucarelli, 2006).

Os benefícios de uma boa preparação realmente parecem ser inegáveis. Para isso, geralmente é solicitado aos responsáveis pelo evento que contará com interpretação simultânea, os materiais que serão utilizados, além do funcionamento

geral conforme discutido anteriormente. A seguir, serão apresentadas alguns desses referidos materiais, além de outros recursos disponíveis para o intérprete.

#### **2.4.2 Materiais, fontes e métodos**

Para que a preparação com antecedência seja viabilizada, são solicitados aos organizadores o fornecimento de todos os documentos da conferência em todas as línguas de trabalho com bastante antecedência. “Isso é considerado como uma parte importante das condições de trabalho” (Gile, 2009, p. 144). A AIIC<sup>10</sup> incluiu cláusulas sobre fornecimento de documentos para preparação nos contratos de interpretação recomendados (Gile, 2002).

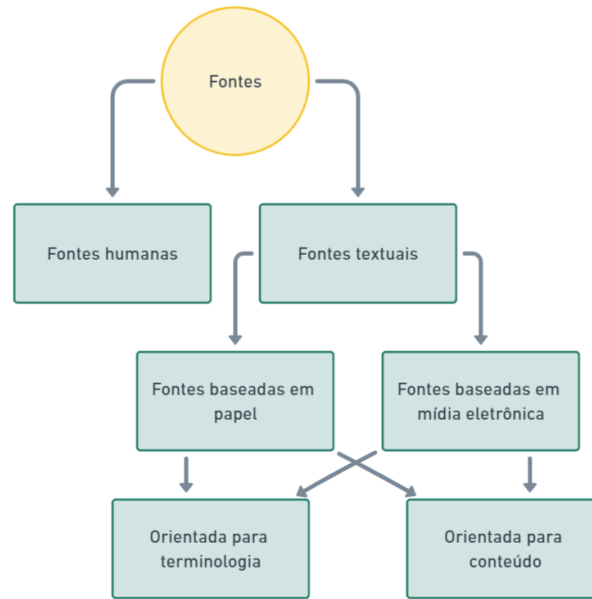
Conforme apontado por Gile, é necessário que se forneçam os materiais para o intérprete para que ele se prepare. Mas que materiais são esses? Tanto os intérpretes de línguas de sinais quanto os de línguas vocais trabalham em uma variedade de ambientes, e os materiais que recebem variam amplamente. Os intérpretes podem ter acesso a agendas, documentos, notas, slides de apresentação, esboços, textos, artigos ou só o título ou tema da palestra/ reunião. Em seu artigo “*The Interpreter’s Preparation for Technical Conferences*” (A preparação do intérprete para conferências técnicas), Gile (2002) explica que diferentes tipos de classificação podem ser feitas quanto às diferentes fontes. Uma proposta de classificação segundo ele pode ser observada na Figura 2.

As fontes humanas se referem essencialmente a especialistas da área. As fontes textuais incluem: dicionários, glossários, bancos de dados terminológicos (orientados para terminologia) e também outros textos, artigos científicos, opiniões de usuários, livros sobre o tópico, etc (orientadas para conteúdo). Existem, claro, casos limítrofes, por exemplo, pequenas enciclopédias, o qual as entradas são um pouco mais do que definições, ou glossários que fornecem indicações de conteúdo além de meras definições (Gile, 2002, p. 2).

---

<sup>10</sup> Associação Internacional de Intérpretes de Conferência.

Figura 2 - Tipos de fontes para preparação



Fonte: elaborado pela autora baseado em Gile (2002, p. 2)

Gile (2002) cita que as fontes mais utilizadas na área são as seguintes: Documentos da conferência; Documentos de referência relevantes; Documentos complementares; Fontes humanas; Estratégias de preparação. Segundo Gile (2009), documentos da conferência podem servir como importante fontes de informações relevantes, além da presença de especialistas e das comunicações e trocas realizadas no local do evento.

Assim sendo, diversas são as fontes, materiais e estratégias que o intérprete pode utilizar para se preparar. Porém, pouco se sabe sobre como os intérpretes se preparam quando acessam os materiais. A maioria parece desenvolver seus próprios métodos de preparação, que pode incluir diferentes estratégias de marcação de texto e a criação de glossários terminológicos (Rütten 2007; Stoll 2009; Jiang 2013 *apud* Kalina, 2015).

Em seu artigo, Nicodemus; Swabey; Taylor (2014, p. 27) iniciam afirmando que embora a profissão seja praticada por cinquenta anos nos Estados Unidos, ainda não foi respondida a questão de como se preparar eficazmente para trabalhos de interpretação. Não existe nenhum texto ou currículo padrão sobre técnicas de preparação de intérpretes de ASL-Ingês. “Não há praticamente nenhuma evidência de estratégias recorrentes e aplicadas intencionalmente, ensinadas ou usadas por intérpretes, nem a eficácia das estratégias foi verificada” (ibid, p. 28).



Na sua pesquisa, seis intérpretes de ASL-inglês experientes tinham 20 minutos para se preparar para o discurso do Presidente Barack Obama. Após a interpretação, o protocolo verbal retrospectivo foi utilizado para entender as estratégias utilizadas por eles sob as condições citadas. Os participantes dispunham do roteiro do discurso, dicionário, papel e caneta. Nesse estudo, os participantes não tiveram acesso à internet para simular a condição que os intérpretes do ato em 2009 tiveram, ou seja, acesso ao roteiro 20 minutos antes.

Percebeu-se a variedade de estratégias, dentre elas: ler o roteiro todo pelo menos duas vezes, destacar palavras ou frases com a caneta, ensaiar partes em ASL etc. Os intérpretes não relataram abordagens padronizadas para preparação, embora houvesse semelhanças em algumas das estratégias, uma abordagem comum não foi identificada. Cada um descreveu o processo de maneira diferente, sem menção a padrões, melhores práticas ou procedimentos. Essa variação pode ser explicada, segundo elas, devido “a falta de treinamento padronizado ou de livros didáticos para intérpretes de ASL-Ingês sobre a preparação para discursos formais e programados” (Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014, p.40).

Como considerações do seu artigo, as autoras supracitadas sugerem que os intérpretes podem beneficiar-se de instruções padronizadas e baseadas em evidências sobre estratégias de preparação. Sem práticas padronizadas, o desempenho dos intérpretes pode ser insuficiente em contextos que lidam com textos desafiadores, comprometendo a qualidade da interpretação para indivíduos surdos (Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014).

### **2.4.3 Ferramentas tecnológicas para a preparação e documentação**

Até a década de 1980, a preparação era por vezes descrita como complexa e demorada (Schweda Nicholson, 1989 *apud* Kalina, 2015, p. 319). No passado, os intérpretes reuniam as informações necessárias através da imprensa ou de documentos de conferências (Choi, 2005, p.11). Com o avanço tecnológico, houve uma significativa transformação nos métodos de preparação. Na busca por materiais preparatórios, os intérpretes podem recorrer à Internet, uma fonte valiosa de informações se utilizada de maneira direcionada (Choi 2005). Diversos materiais informativos, incluindo discursos, gravações em áudio e vídeo, até mesmo de conferências inteiras estão disponíveis na Internet (Kalina, 2015).

Incluído no processo de preparação está a documentação. A área da documentação consiste na coleta, armazenamento, classificação, seleção, disseminação e uso de todos os tipos de informação (Elena, 1996, p. 79 *apud* Ramos, 2020). Para área da tradução e interpretação envolve as tarefas documentais presentes no seu trabalho diário, ou seja, a organização e o gerenciamento de recursos de informação, o desenvolvimento de técnicas para acessar e consultar diferentes fontes documentais, a seleção e o uso de documentos. Essa documentação tem como objetivo adquirir o conhecimento necessário para as tarefas de tradução e interpretação (Ramos, 2020).

O advento da Internet e a ampla utilização da tecnologia transformaram a maneira como o trabalho documental é realizado. Ramos (2020) cita Corpas Pastor (2012) que destaca a forte ligação entre processos documentais e competência tecnológica, sugerindo a ideia de competência tecnológica informacional. Esta competência se refere à habilidade de selecionar e utilizar corretamente as tecnologias de tradução e documentação eletrônica essenciais para a preparação, produção e avaliação do trabalho de tradutores e intérpretes (Ramos, 2020).

Destacamos que a tecnologia está em constante desenvolvimento, nos últimos anos pode-se acompanhar os diversos avanços tecnológicos e o aumento significativo das suas aplicações. Uma grande evolução tecnológica que estamos presenciando é a inteligência artificial.

Inteligência artificial (IA) é a capacidade de uma máquina ou sistema de computador simular e executar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana, como raciocínio lógico, aprendizagem e resolução de problemas. A inteligência artificial baseia-se no uso de algoritmos e tecnologias de aprendizado de máquina para dar às máquinas a capacidade de aplicar certas habilidades cognitivas e realizar tarefas por conta própria, de forma autônoma ou semiautônoma (Morandín-Ahuerma, 2022, p.1).

O avanço tecnológico é constante, atualmente já existem smartphones com IA nativa com diversas funcionalidades como resumos, transcrição, tradução etc. Com o avanço exponencial da tecnologia, em algum tempo isso já será muito comum, atualizações, melhorias e inovações surgirão.

Não se pode ignorar o impacto e o potencial que esta tecnologia tem. Com as devidas ponderações e correto manejo, a inteligência artificial (IA) pode se tornar uma importante ferramenta para os intérpretes. Já estão sendo desenvolvidas ferramentas de IA para uso durante a interpretação simultânea (AIIC Interpreters, 2021; AIIC Brasil, 2023). Porém, gostaríamos de chamar a atenção para a potencialidade do uso de

algumas ferramentas com base na inteligência artificial para auxiliar a etapa de preparação de uma tarefa de interpretação. Acreditamos que a principal contribuição do uso de ferramentas é a economia de tempo, otimização e funcionalidades que superam a capacidade humana limitada de processamento de informações em função do tempo.

Para compreender e analisar os aspectos discutidos até agora, é essencial delinear os procedimentos metodológicos que nortearam este estudo. A metodologia, abordada no próximo capítulo, detalhará os métodos utilizados na coleta e análise dos dados.

### 3 METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa é qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório. A pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que se irá investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). A investigação foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica se dá a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, teses, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54). Assim, este estudo segue as etapas da pesquisa bibliográfica, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 55): 1) escolha do tema; 2) levantamento bibliográfico preliminar; 3) formulação do problema; 4) elaboração do plano provisório do assunto; 5) busca das fontes; 6) leitura do material; 7) fichamento; 8) organização lógica do assunto; 9) redação do texto.

A partir da escolha do tema, a pesquisa foi realizada em livros, artigos, dissertações e teses encontradas em bases de dados como Web of Science e Scopus, biblioteca universitária e de acervos bibliográficos e documentais pessoais. Para busca dos textos nas bases digitais, foram utilizadas palavras-chave tanto em português quanto em inglês. Os descritores utilizados foram: 'preparação para interpretação', 'preparação para interpretação simultânea', 'preparação de intérpretes', 'preparação de intérpretes de línguas de sinais', '*preparation for interpreting*', '*preparation for interpreters*', '*preparation for simultaneous interpreting*', '*preparation for sign language interpreters*'.

Além disso, consultamos referências encontradas dentro dos artigos selecionados. A seleção dos textos envolveu a leitura do título e resumo para verificação da correspondência temática com o objeto de pesquisa. Para seleção dos textos, além de serem de livre acesso, alguns critérios foram seguidos, tais como: (i) abordar as etapas e processo de preparação para interpretação; (ii) produção expressiva sobre preparação, estudo e documentação; (iii) abordar a influência da preparação no ato interpretativo; (iv) discutir aspectos teóricos e práticos da preparação para interpretação. Dessa maneira, foram excluídos textos com as seguintes características: (i) tratam exclusivamente da preparação para tradução; (ii)

discorrem brevemente a respeito da preparação; (iii) utilizam preparação para se referir a formação de intérpretes; (iv) textos não disponíveis na íntegra ou mal formulados.

A pesquisa documental se distingue da pesquisa bibliográfica pela natureza das fontes. Baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 55). A revisão documental se baseou em documentos disponíveis de maneira online por universidades ou instituições, além de documentos utilizados em aula pelo professor José Ednilson Gomes de Souza Júnior, na disciplina de Estudos da Interpretação I, quando o tópico de preparação foi discutido.

Para a análise de dados, buscou-se apresentar, organizar e categorizar as informações encontradas nas pesquisas e nos documentos. Primeiramente, as ideias dos autores foram apresentadas. A seguir, os principais elementos citados para a preparação prévia foram categorizados em: (i) preparação do contexto situacional; (ii) preparação operacional; (iii) preparação temática; (iv) preparação psicofisiológica. Com base na pesquisa bibliográfica, documental e na experiência profissional da pesquisadora, uma proposta de apresentação sistemática visual das etapas e elementos de preparação foi realizada. As etapas incluem: (i) briefing; (ii) preparação prévia; (iii) preparação na chegada; (iv) preparação durante a tarefa; (v) debriefing. Como a preparação engloba muitos fatores e etapas, para delimitação da pesquisa, focamos nos elementos de preparação prévia relativos ao estudo e documentação. Na sequência, elaboramos e apresentamos uma proposta de guia de preparação individual para essa etapa.

Para finalizar, dialogando com autores, apresenta-se uma discussão pautada nos anos de experiência da pesquisadora interpretando contextos especializados, especialmente na área de tecnologia. Essa discussão se alinha com o objetivo da pesquisa, pois refletimos a respeito do que envolve estar bem preparado, principalmente para interpretar em áreas especializadas.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Algumas publicações se debruçam a discutir o contexto de conferência principalmente, e por esse motivo, fazem referência apenas a esse contexto. No entanto, compreendeu-se que o princípio poderia se aplicar a praticamente qualquer contexto, dada as devidas adaptações, uma vez que a preparação sempre será benéfica e alguma forma de acesso a informações será necessária. Portanto, mesmo que os autores se refiram ao contexto de conferência considera-se aqui sua aplicação para outros contextos também.

### 4.1 PREPARAÇÃO PARA A INTERPRETAÇÃO: O QUE DIZEM OS AUTORES

Com base nas discussões conceituais apresentadas anteriormente, levantamos inicialmente alguns problemas que a falta de preparação acarreta e como a preparação se configura como uma estratégia preventiva. Kalina (2015, p. 319) cita Stoll (2009) que propõe que a preparação visa transferir o esforço cognitivo para as etapas iniciais da interpretação, reduzindo-o durante o processo, como descrito no capítulo teórico. Isso envolve buscar equivalentes e construir campos semânticos e mapas mentais antecipadamente, um processo de gestão do conhecimento que permite ao intérprete usar estratégias como antecipação e inferência.

Problemas e dificuldades sempre existirão no processo de interpretação, que podem acontecer apesar da preparação. Porém, González-Montesino (2016), em sua tese, elenca alguns possíveis problemas no processo de interpretação que a preparação poderia evitar, se feita minuciosamente e nas condições ideais. A seguir, apresenta-se alguns dos problemas citados pelo autor:

- A falta de conhecimento geral e específico do ILS, devido à má preparação do serviço, por exemplo, que impede que ele compreenda o significado de grande parte do discurso;
- Não saber o significado de uma palavra/sinal ou frase (por exemplo, tecnicismos, expressões idiomáticas ou frases feitas etc.);
- Não ter uma representação clara de elementos importantes da situação comunicativa, como o propósito da comunicação, o local onde ela está ocorrendo, o papel dos participantes, o grau de institucionalização da situação comunicativa, o controle do emissor etc.

E adicionamos ainda que devido à falta de preparação o intérprete pode:

- Não diferenciar uma palavra comum sendo utilizada em um contexto técnico com outro significado;
- Não utilizar terminologia adequada na fase de produção;
- Omissões em demasia por desconhecimento;

- Não saber a datilologia da palavra;
- Não entendimento da frase em relação ao contexto situacional e/ou temático.

Sendo assim, o intérprete pode identificar possíveis problemas, como os mencionados acima e procurar soluções, usar uma ou várias estratégias para evitar erros. Isso o ajudará a prestar um serviço melhor (González-Montesino, 2016). Neste sentido, a preparação contribui para superar ou evitar tais problemas de que forma?

O processo de interpretação envolve compreensão e reexpressão. O intérprete primeiramente necessita compreender. Para que o intérprete tenha uma compreensão exata, ele deve “possuir um conhecimento temático suficiente e, em seguida, dominar a terminologia do domínio a interpretar, o que exige uma preparação exaustiva” (Donovan, 2001 *apud* Choi, 2005, p. 3). Note as palavras utilizadas: suficiente, dominar e exaustiva, em francês: *suffisantes*, *bien maîtriser* e *exhaustive*. Como o intérprete poderá saber se o conhecimento temático é suficiente? Na realidade, isso é possível após a conclusão do serviço por meio de uma reflexão e análise sobre a prática. De todo o modo, o máximo possível de conhecimento deve ser adquirido de antemão.

Como o intérprete poderá dominar a terminologia? Donovan (2001) mesmo responde que através da preparação exaustiva. Mas é viável uma preparação exaustiva com as condições de trabalho que os intérpretes possuem? Que outras possibilidades o intérprete tem para poder superar tais dificuldades? São reflexões que serão trazidas posteriormente neste trabalho. De todo modo, a compreensão é o fator chave determinante por trás dessas ideias, na qual a preparação se apresenta como fundamental. A compreensão de toda a situação, bem como a antecipação e a maior previsibilidade são objetivos da preparação, conforme explica Demers (2005):

Compreender o objetivo da interação e a sua dinâmica, bem como antecipar corretamente as informações essenciais e requisitos linguísticos, permite ao intérprete realizar o trabalho necessário para chegar ao local suficientemente preparado. Quanto mais precisamente um intérprete tiver previsto o que irá acontecer durante a interação, mais eficaz será a sua preparação (p. 215, tradução nossa).

Note que a preparação que os autores se referem se trata de um trabalho minucioso, incluindo diversas informações relacionadas ao trabalho em questão. Portanto, vai muito além do conhecimento geral tão falado entre os intérpretes, da chamada preparação contínua que envolve estar atualizado sobre notícias e acontecimentos mundiais e locais. Segundo Lucarelli (2006, p. 3), é claro que esses

conhecimentos ajudam, mas a preparação consciente para uma conferência, que pode ser chamada de *preparação ativa*, envolve o intérprete analisar diferentes aspectos da conferência para decidir como e o que preparar. Esta habilidade é aprendida, embora não seja frequentemente ensinada. Para Kalina (2015), a preparação minuciosa inclui:

o estudo aprofundado do assunto, a preparação conceitual, terminológica e tradutória, e a coleta de informações sobre os palestrantes, suas atitudes ou afiliações, bem como sobre a composição do público; um grande esforço também é dedicado à preparação de manuscritos ou material de apresentação disponíveis (p. 318, tradução nossa).

Assim, para além do conteúdo em si, todo o contexto envolvido deve fazer parte da preparação, pois interpretar significa expressar a mensagem do autor através da combinação de todos os fatores envolvidos, ou seja, a situação em que o discurso é proferido, e não apenas por meio de palavras individuais (Viaggio, 1999 *apud* Choi, 2005). Fica claro que “não basta ter lido os textos disponíveis sobre o evento para se preparar bem” (Bélanger, 2015, p. 256, tradução nossa). O autor continua dizendo que é preciso garantir plena energia, reduzindo interferências, primeiro, por meio da preparação psicológica e física e segundo pela preparação lexical e cognitiva que envolve compreender a rede de conceitos associada aos termos. Dessa maneira, garante-se as condições para uso eficaz dos esforços de escuta, memória e produção.

Nogueira (2020, p. 332) separa didaticamente a preparação em quatro momentos, a saber: “(i) a preparação física, voz e corpo; (ii) o domínio das modalidades de interpretação; (iii) o espaço de trabalho; e (iv) a preparação teórica conceitual”. A respeito do último momento - preparação teórica conceitual, está relacionada às pesquisas e estudos realizados pelos intérpretes antes do início da conferência. Embora não seja possível para os intérpretes preverem e se prepararem para todos os termos ou sinais-termos usados pelo palestrante, a preparação é importante pois “é possível conhecer sobre o tópico o suficiente a ponto de minimizar o número de surpresas desagradáveis durante o trabalho de interpretação” (Carvalho, 2016, p. 4 *apud* Nogueira, 2020, p. 337).

Para a autora Choi (2005) a preparação para uma conferência é um aspecto fundamental do trabalho do intérprete, é essencial para a qualidade da interpretação e sua duração depende da experiência adquirida, do grau de dificuldade do tema e do prazo fixado pelo cliente. Em sua opinião, a preparação tem duas vertentes: a temática e a terminológica. A primeira consiste principalmente no estudo exaustivo da



documentação relativa a um assunto e tem por objetivo adquirir conhecimentos temáticos de modo a evitar erros de compreensão. Segundo (Choi, 2005, p. 4).

[A preparação temática] é crucial na interpretação porque, sem um mínimo de conhecimentos temáticos, ou seja, de conhecimentos específicos que permitam ao intérprete compreender tudo o que está subjacente a um determinado discurso, é muito provável que o intérprete cometa erros de compreensão que repercutem tanto na lógica quanto no teor.

O principal objetivo da preparação terminológica é identificar e memorizar um conjunto de termos ou expressões específicas de um determinado domínio (Choi, 1998 *apud* Choi, 2005). Retomando o Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística de Gile (2009), lembrar palavras ou aprender novos termos e seus significados antecipadamente são cruciais para que, no momento da interpretação, o profissional possa recuperá-los rapidamente e não afetar a administração dos esforços. Devido à pressão de tempo na interpretação, apenas as CLs altamente disponíveis são relevantes. CLs que exigem mais processamento, mesmo que por um segundo ou fração de segundo, não podem ser usadas sem comprometer tempo e capacidade de processamento, causando problemas, especialmente na interpretação simultânea (Gile, 2009). Portanto, elevar a disponibilidade linguística é um dos papéis da preparação, como já explanado. Conforme o Modelo Gravitacional, os constituintes linguísticos migram para o centro quando estimulados. Ou seja, quando um CL é ouvido, lido (estimulação passiva), ou utilizado na produção de um discurso oral, sinalizado, ou de um texto escrito (estimulação ativa), ele se torna mais acessível para uso e pode se tornar altamente disponível em segundos ou minutos (Gile, 2009).

A preparação terminológica para conferências geralmente envolve uma rápida progressão centrípeta seguida por uma migração centrífuga mais lenta. Os intérpretes rapidamente alcançam alta disponibilidade para termos técnicos novos, mantendo-os durante a conferência, mas tendem a esquecer-los após alguns dias ou semanas. No entanto, a experiência mostra que muitos desses termos não desaparecem completamente, sendo reconhecidos quando reaparecem em conferências futuras (Gile, 2009, p. 230).

A preparação para a interpretação também pode ser analisada por meio de etapas ou estágios. Gile (2009) divide a preparação para conferência em três estágios: *advance preparation*, *last-minute preparation*, and *in-conference knowledge acquisition* (Preparação com antecedência, preparação no último minuto e aquisição

de conhecimento durante a conferência). A preparação com antecedência inclui o estudo dos materiais fornecidos, pesquisas, briefings e ensaios.

Kalina (cf. 2005) em seu artigo intitulado *Quality Assurance for Interpreting Processes* (Garantia de qualidade para processos de interpretação), discute sobre como avaliar a qualidade do trabalho de interpretação. Ela divide a interpretação em atividades de pré-processo, peri-processo, durante o processo e pós-processo. A autora faz discussões interessantes relacionando essas etapas, que incluem a preparação, com a qualidade da interpretação.

Kalina (2005) diz que é necessária uma estrutura mais ampla para poder definir ou, de fato, avaliar a qualidade da interpretação, e isso deve levar em conta os processos anteriores e posteriores ao ato interpretativo. Essa abordagem inclui: (1) uma fase de pré-processo que inclui habilidades e competências de interpretação treinadas, recuperação e preparação de informações, bem como coordenação ou cooperação com outros membros de uma equipe, (2) uma estrutura peri-processo que inclui as condições em que o ato de interpretação ocorre (dados sobre os participantes, idiomas de trabalho, composição da equipe, possíveis requisitos de relay, documentos disponibilizados na conferência, cronogramas, equipamento técnico), (3) requisitos durante o processo a serem cumpridos por intérpretes, oradores, ouvintes, equipe técnica etc. e (4) atividades pós-processo.

Ela propõe que os processos e as condições de interpretação podem ser analisados com o auxílio de uma lista de parâmetros; a lista pode ser usada por clientes e intérpretes de conferência para sua garantia de qualidade geral e pessoal. Segundo a autora, a qualidade do resultado dos intérpretes depende de uma série de condições que regem a situação de comunicação em questão. Algumas delas devem ser cumpridas por outros envolvidos na comunicação (condições externas), mas outras devem ser cumpridas pelo intérprete (Kalina, 2005).

A qualidade da interpretação também depende do conhecimento dos intérpretes sobre as variáveis situacionais e contextuais, bem como sobre os oradores e suas intenções. Além disso, os intérpretes devem saber quem são os ouvintes (especialistas, audiência de TV, políticos etc.) e quais são seus interesses, quais são suas línguas maternas, quais são as hierarquias existentes na situação de comunicação etc. Nesse sentido, um dos fatores a serem identificados é, portanto, o grau de preparação que os intérpretes investem em suas tarefas (Kalina, 2005, p. 777, tradução nossa).

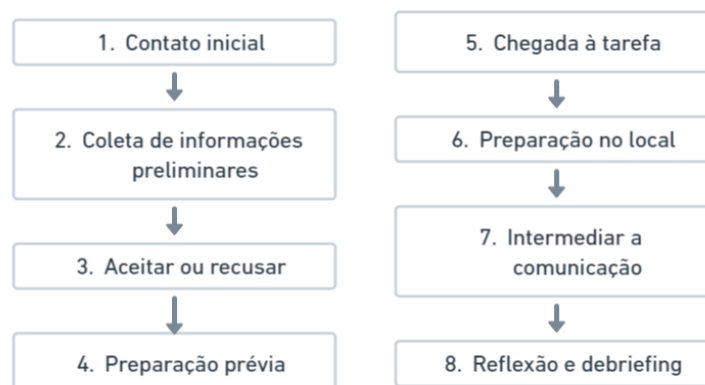
A autora sugere uma planilha a fim de organizar todos os dados discutidos a respeito da avaliação e garantia de qualidade dos intérpretes profissionais. O primeiro objetivo, segundo ela, é conscientizar os intérpretes de conferência sobre o papel

desempenhado pelos fatores nela descritos quando se esforçam em alcançar a qualidade ideal. Além disso, se espera que os intérpretes possam acompanhar e registrar suas tarefas de interpretação, documentando as condições de cada evento em que trabalharam, para rastrear os pontos fracos que surgiram devido a fatores externos ou individuais e otimizá-los (Kalina, 2005, p. 779). A planilha traduzida pode ser encontrada no [Apêndice A](#), e no [Anexo A](#) se encontra a planilha original.

A autora expande a visão de qualidade relacionando-a não apenas ao texto produzido pelo intérprete, mas aos processos necessários para produzi-lo. Essa visão precisa ser incorporada à prática profissional. Ela conclui seu artigo sugerindo que essa abordagem pode ser usada por intérpretes de maneira individual, para obter informações sobre as conferências em que trabalham; por grupos de intérpretes, agências ou organizadores de conferências, ou, por último, por instrutores que estejam buscando conscientizar os aprendizes sobre as condições e os requisitos gerais de qualquer ato de interpretação (Kalina, 2005, p. 782).

Pelo que já vimos até o momento, a preparação envolve muitas informações, parece trabalhosa e morosa. Realmente, uma boa preparação não se faz em 10 minutos, porém, a prática e a habilidade do intérprete se aprimoram com o tempo (Demers, 2005), deixando o processo menos custoso. Nesse sentido, Demers (2005) discute o trabalho de interpretação<sup>11</sup> e fatores a serem considerados para que o intérprete faça bem o seu trabalho, ele apresenta as etapas para uma interpretação bem-sucedida, a saber:

Figura 3 - Oito etapas para uma interpretação bem-sucedida

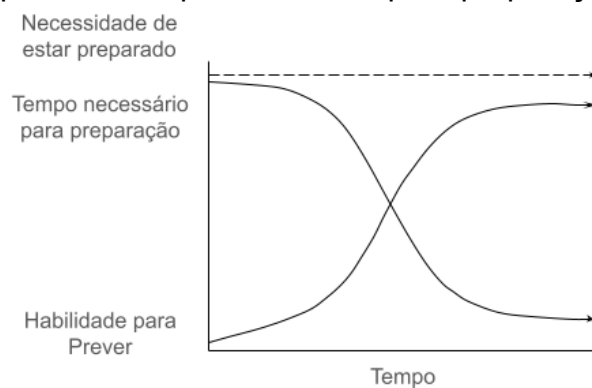


Fonte: Demers (2005, p. 212, tradução nossa)

<sup>11</sup> Ele observou intérpretes de ASL-Ingês.

Para ele, seguindo etapas repetidas e cíclicas, o intérprete aumenta seu conhecimento extralinguístico e linguístico, aprimorando sua capacidade de previsão e profissionalismo ao longo da carreira. A experiência acumulada permite previsões mais precisas, reduzindo o tempo necessário para a preparação. A necessidade de o intérprete estar bem preparado para todas as tarefas permanece constante ao longo de sua carreira. No entanto, a capacidade de prever com precisão o que acontecerá durante a interação permite que o intérprete se prepare de forma mais eficaz e eficiente. O autor apresenta um gráfico relacionando essas afirmações:

Figura 4 - Combinação entre necessidade de estar preparado, habilidade para prever e tempo necessário para preparação



Fonte: Demers (2005, p. 225, tradução nossa)

É importante salientar que mesmo assim, há situações em que se depara com tarefas complexas para as quais é necessária uma preparação extensa. Ou, por qualquer motivo, haverá fatores que são muito difíceis de prever, e essas situações também exigem um longo tempo de preparação (Demers, 2005, p. 225).

González-Montesino (2016, p. 41-42), em sua tese, apresenta diversos elementos que influenciam a interpretação por um ILS (Intérprete de Língua de Sinais).

Estes componentes incluem:

- **Objetivo:** Compreender o propósito comunicativo do emissor é crucial para o sucesso da mediação.
- **Situação:** Conjunto de características que determinam o grau de institucionalização da interação comunicativa.
- **Distância social:** Padrões culturais e sociais (idade, sexo, status, nível de conhecimento prévio etc) impactam as escolhas linguísticas e a relação entre os interlocutores. O ILS precisa conhecer as normas da comunidade surda e ouvinte para mediar adequadamente.
- **Meio:** As representações sociais sobre a comunicação escrita e oral influenciam a interação. O ILS deve estar ciente das percepções da comunidade surda sobre a comunicação escrita, considerando as dificuldades históricas.

Muitas vezes, os intérpretes enfrentam a problemática de não receberem os materiais, ou até mesmo, devido a situação, não há documentos específicos a serem fornecidos. Outro caso que acaba ocorrendo, é que mesmo tendo a oportunidade, alguns intérpretes optam por não se prepararem. Porém, González-Montesino (2016, p. 248) relembra que “em qualquer caso, independentemente de ser fornecida ou não a documentação necessária, qualquer ILS que aceite um serviço de conferência tem a obrigação moral e ética de realizar a sua preparação”. Ele cita a Federação Espanhola de Intérpretes de Língua de Sinais e Guias-Intérpretes (FILSE, 2002, p. 2) que estabelece em seu Código de Ética que “no contexto da realização de um serviço de interpretação, o profissional deve: Preparar-se adequadamente”.

Assim, cada situação varia e algumas das informações necessárias serão fornecidas pela organização, enquanto outras serão de responsabilidade da experiência do profissional ao procurá-las (Montesino, 2016). O ILS pode encontrar artigos relacionados ao tema da apresentação, principalmente na internet. A leitura desses textos proporciona vocabulário e conhecimento sobre o assunto, além de permitir entender a abordagem e o estilo do palestrante. Também é comum encontrar vídeos de apresentações anteriores, o que possibilita ao ILS conhecer o estilo de comunicação do palestrante e praticar a interpretação. Se o palestrante for surdo, há uma maior facilidade em encontrar esses vídeos online, o que ajuda na compreensão da variedade linguística utilizada. Além disso, pesquisar o nome do palestrante na Internet permite obter informações adicionais sobre sua formação e experiência profissional, incluindo uma imagem visual (González-Montesino, 2016).

Também pode ser relevante reunir informações sobre a instituição, empresa ou organização do evento, incluindo sua localização, história, projetos e logotipo, que pode ser atribuído um sinal e ser usado pela equipe de ILS. Além disso, detalhes sobre o local do congresso, como layout do prédio, sala da conferência, palco, assentos e recursos técnicos, também são relevantes (González-Montesino, 2016). Conhecer o tipo de público, sejam eles profissionais, público em geral, pais, adolescentes etc., permite ao ILS ter uma representação do que vai ser encontrado, antecipar que tipo de linguagem o locutor utilizará e, nos casos de ter que fazer adaptações, como fazê-las (González-Montesino, 2016).

Enquanto professor no curso de interpretação de Língua de Sinais Espanhola, González-Montesino (2016, p. 334, tradução nossa) apresenta a seus alunos um

método de preparação, especialmente quando não são fornecidos documentos ou materiais específicos.

1. Solicitar informações básicas sobre o serviço que nos permitirão nos preparar para ele. É essencial não apenas conhecer o assunto e o objetivo comunicativo a ser perseguido, mas também o local e os participantes, a fim de encontrar informações sobre eles e prever possíveis problemas.
2. Busca de textos paralelos, em formato escrito, oral e sinalizado, sobre o tema do serviço. Esses textos devem ser semelhantes em conteúdo, estilo, nível de dificuldade, etc., ao texto que esperamos que seja produzido.
3. Ler, ouvir e/ou assistir a esses textos. Isso deve ser feito em profundidade, ou seja, não apenas para entender o conteúdo, mas também para analisá-lo em detalhes, procurando possíveis problemas de interpretação e pensando em soluções.
4. Consultar dicionários e glossários [dos dois idiomas], bem como dicionários de sinônimos ou enciclopédicos, para facilitar a compreensão do vocabulário técnico e antecipar possíveis equivalências terminológicas.
5. Desenvolver material preparatório. Crie mapas conceituais, diagramas e listas de vocabulário para ajudar o ILS a entender as ideias principais e obter maior fluência verbal.
6. Realizar atividades de interpretação de textos paralelos, com o objetivo de exercitar o processo de transferência interlinguística e ativar os processos cognitivos e físicos necessários. Leve em consideração o trabalho em equipe, se o serviço assim o exigir.
7. Prestar atenção aos fatores fisiológicos, físicos e mentais ao lidar com o serviço de interpretação. Mantenha uma atitude positiva em relação à interpretação, controle o estresse, faça exercícios físicos com antecedência para liberar a tensão e manter o corpo tonificado, durma o suficiente para evitar a fadiga e coma uma quantidade e forma adequadas de alimentos.
8. Realizar uma avaliação pós-serviço para determinar os aspectos positivos e negativos do processo de preparação de acordo com o resultado da interpretação, com o objetivo de aprimorar essa estratégia no futuro.

## 4.2 DELINEAMENTO DOS ELEMENTOS DE PREPARAÇÃO

Com base no que foi exposto, percebemos uma série de elementos citados para a preparação prévia com o intuito de favorecer a interpretação por intermédio da compreensão tanto da situação quanto do assunto. A fim de facilitar a visualização, compilamos no Quadro 1 alguns dos elementos fundamentais mencionados pelos autores que nos referenciamos. Esse quadro se constitui como uma parte intermediária da elaboração do diagrama apresentado na Figura 5.

Através da análise dos elementos, algumas categorias emergiram. Na primeira categoria percebem-se elementos envolvendo todo o contexto e a situação, bem como os participantes e as interações, denominamos de preparação do contexto situacional. A segunda categoria, envolve elementos relacionados a parte técnica da interpretação, questões operacionais, a qual denominamos preparação operacional. A terceira categoria, são os elementos direcionados ao estudo do tema, dos conceitos e terminologia, a qual denominamos preparação temática. Por último, elementos de preparação física e psicológica, denominamos de psicofisiológicas.

Quadro 3 - Preparação: levantamento dos principais elementos

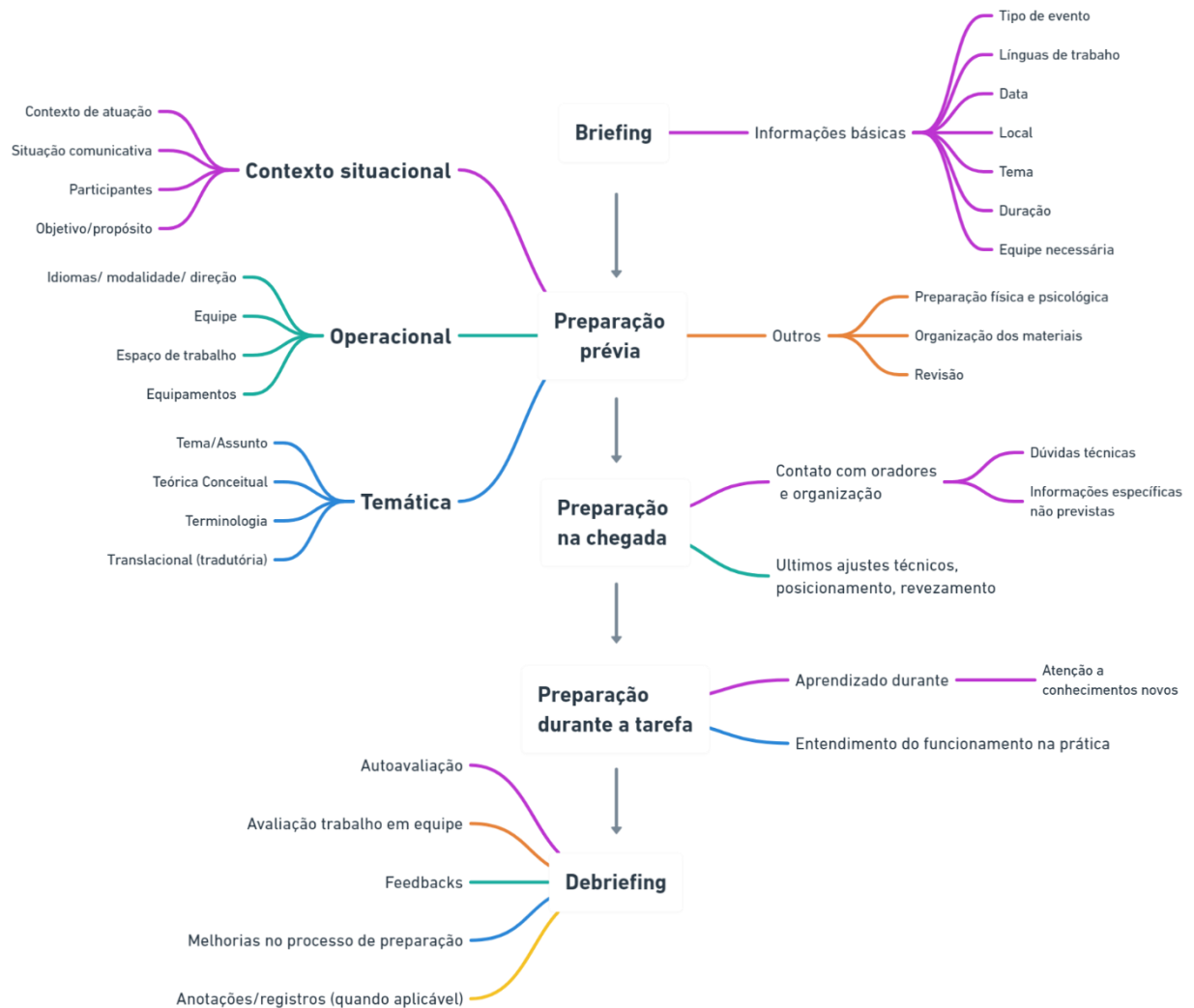
Categorias:	O que envolve:	Autores:
Preparação do Contexto situacional	Preparação situacional e contextual; Propósito da interação; Interação e sua dinâmica; Sobre os participantes: Informações sobre a audiência e os oradores; Prever/ antecipar.	Gile (2002; 2009), Kalina (2005; 2015), Demers (2005), Lucarelli (2006), Bélanger (2015), González-Montesino (2016)
Preparação Operacional	Domínio das modalidades de interpretação; Idiomas de trabalho; Espaço de trabalho; Preparação em equipe;	Kalina (2005), Lucarelli (2006), Nogueira (2020)
Preparação Temática	Preparação sobre o assunto/tema; Preparação teórica conceitual; Preparação terminológica; Preparação com base nos materiais; Preparação translacional (tradutória);	Gile (2002; 2009), Choi (2005), Kalina (2005; 2015), Lucarelli (2006), González-Montesino (2016), Fantinuoli (2017), Nogueira (2020)
Psicofisiológica	Preparação física, voz e corpo; Preparação psicológica;	Nicodemus; Swabey; Taylor (2014), Bélanger (2015), González-Montesino (2016), Nogueira (2020)

Fonte: elaborado pela a autora com base na bibliografia.

Considerável ênfase é atribuída a essa preparação prévia, antes do início da tarefa de interpretação, enfoque dessa pesquisa, compreendendo a documentação para aquisição dos conhecimentos necessários, entre outros aspectos. No entanto, conforme apresentado anteriormente, além da preparação antecipada, Gile (2002) destaca a importância da preparação de última hora e da aquisição de conhecimento durante a conferência. Kalina (2005), em sua abordagem avaliativa, também considera o pós-processo, entre outros aspectos. Nesse sentido, compreendemos que a preparação abrange todo o processo interpretativo, englobando os estágios pré, durante e pós-tarefa de interpretação (Fantinuoli, 2017).

Com base nas etapas e elementos discutidos por Demers (2005), Kalina (2005; 2015), Lucarelli (2006), González-Montesino (2016), Bélanger (2015), Choi (2005), Gile (2002; 2009), Nogueira (2020), bem como em nossas experiências profissionais, desenvolvemos uma proposta de organização das etapas de preparação para interpretação. Para uma compreensão mais clara, elaboramos uma representação visual em forma de diagrama para destacar as principais informações relacionadas à preparação em cada seção que a compõe.

Figura 5 - Etapas de preparação para interpretação



Fonte: elaborado pela autora

Esmiuchando cada etapa, inicia-se pelo Briefing que é a coleta de dados iniciais junto aos clientes sobre a tarefa de interpretação demandada. Refere-se à primeira conversa com a pessoa solicitante da interpretação. Neste contato, informações preliminares sobre a demanda deverão ser levantadas para que seja avaliado a viabilidade do atendimento, tanto em questão de disponibilidade, quanto de competências. Segundo Demers (2005), as informações preliminares irão dar um panorama sobre o nível de conhecimento do assunto, habilidades requeridas do intérprete, entre outros.

Sugerimos as seguintes informações básicas: Tipo de evento, par linguístico, data, local, tema, duração, equipe necessária. A depender da demanda, outras informações também podem ser importantes neste momento inicial. Além disso,



conversas adicionais ou ensaios também podem ser necessários. Conforme Gile (2009, p. 145), “briefings e ensaios podem ser uma parte muito útil da preparação prévia. Briefings são reuniões curtas organizadas para os intérpretes, com a participação dos organizadores da conferência e/ou dos palestrantes”.

Segundo Demers (2005 p. 14), fazer perguntas para obter informações preliminares visa descobrir o máximo possível sobre a situação, permitindo determinar mais corretamente o que esperar e o que é necessário do intérprete. Este poderá decidir eticamente se tem as habilidades e competências necessárias para o serviço. Isso pode demandar perguntas adicionais para a pessoa que fez o contato. Essas mesmas informações servem como guia para a preparação do intérprete, caso ele decida aceitar o trabalho.

Embora as informações obtidas no contato inicial já façam parte da preparação, a partir delas o intérprete pode ou não aceitar a demanda. Somente a partir do aceite, ele começa a preparação mais aprofundada, a qual denominamos de preparação prévia. A Preparação prévia pode ser separada em preparação do contexto situacional, operacional e temática.

A Preparação do contexto situacional ou apenas contextual consiste no entendimento do contexto da atuação, a situação comunicativa, os participantes e suas relações, e o objetivo/propósito da interação. “Os intérpretes não podem interpretar o que não entendem” (Demers, 2005, p. 220). Portanto, as habilidades de antecipação do intérprete, desenvolvidas através de uma preparação minuciosa, são fundamentais para uma melhor compreensão do contexto e do objetivo da interação (Demers, 2005). Conforme Kalina (2005; 2015) aponta, a qualidade da interpretação também depende do conhecimento dos intérpretes sobre variáveis situacionais e contextuais, bem como sobre os falantes e suas intenções. Os intérpretes devem coletar informações sobre a composição do público, os palestrantes, seus interesses, línguas maternas, entre outros aspectos.

A Preparação operacional se caracteriza pelas informações técnicas que competem aos detalhes da interpretação (idiomas envolvidos, modalidades, direção), organização e preparação da equipe, espaço de trabalho e equipamentos. Essas informações são muito importantes para viabilizar o trabalho, nesta seção aspectos como iluminação, sistema de áudio e vídeo e diversos outros recursos são levantados e garantidos com a parte contratante.

A Preparação temática envolve o estudo do assunto em si, aquisição dos conhecimentos teórico-conceituais, terminológicos, e por fim, tradutórios. É uma etapa vital de toda a interpretação, seja de um tema geral ou de um tema técnico, pois baseia-se na exigência primordial de compreender (Lederer, p. 230, 1984 *apud* Choi, 2005, p. 5). A aquisição de conhecimentos temáticos desempenha um duplo papel, permite uma compreensão suficiente do conteúdo e também esclarece a argumentação do discurso na sua sequência lógica (Choi, 2005).

Entendemos que a preparação/estudo da Terminologia está intrinsecamente ligada à preparação temática, uma vez que a terminologia está inserida e vinculada a um domínio específico. Por essa razão, optamos por incluí-la como parte integrante da preparação temática, em vez de abordá-la separadamente. Nesta etapa da preparação, os termos, expressões, frases comumente utilizadas devem ser estudadas juntamente com seus conceitos.

Para isso, o acesso aos materiais e documentos é de grande valia para o intérprete para que seu estudo seja direcionado à forma em específico que o assunto será abordado. A pessoa que entra em contato com o intérprete é geralmente uma fonte valiosa de informações e pode disponibilizar documentos como agendas, relatórios, cópias de apresentações, materiais de treinamento e similares, que o intérprete pode utilizar para se informar sobre o que provavelmente ocorrerá. Ao utilizar esses materiais, o intérprete pode avaliar o que já conhece e tem acesso, identificando o que ainda precisa aprender (Demers, 2005).

Na etapa de preparação temática, também incluímos a preparação tradutória ou translacional. Compreendemos que, após o estudo do tema, conceitos e termos, o intérprete pode pesquisar e refletir em como realizar a interpretação. Isso pode envolver a busca por sinais apropriados ou a consideração prévia de possíveis soluções tradutórias para termos que provavelmente se repetirão durante a interpretação.

Podemos ainda citar outros elementos adicionais a serem considerados para a preparação. Dentre eles, a revisão, a depender de quanto tempo antes a preparação foi feita, será necessária uma etapa de revisão do conteúdo estudado. Ou ainda, logo antes de iniciar a atuação, pode ser interessante revisar os principais termos, ideias e possibilidades tradutórias previamente pensadas/estudadas. A preparação física e psicológica envolve uma boa noite de sono, alongamento, alimentação e hidratação, preparo da voz e do corpo para a interpretação, bem como aspectos psicológicos,

controlar stress e manter atitude positiva. Além disso, há o preparo que envolve organização física dos materiais e equipamentos, últimos combinados com equipe e cliente. Lembrando sempre de considerar as diferenças caso a demanda seja remota ou presencial.

A preparação na chegada envolve os últimos ajustes técnicos como posicionamento, combinados sobre o revezamento, organização dos meios de apoio. Aqui a palavra chegada entende-se como chegada a demanda, ela sendo remota ou presencial, portanto, chegada ao local em caso presencial e acesso ao link em caso remoto. Neste momento, considera-se importante o contato com organizadores e oradores para esclarecimento de dúvidas técnicas, por exemplo. Se o contato com mais antecedência com os oradores não foi possível, esse momento pode ser utilizado para perguntas pontuais que auxiliarão a interpretação. Informações específicas não previstas também são consideradas, abrange informações sobre a interação que está prestes a ocorrer, bem como alterações de última hora.

Demers (2005) salienta que é crucial que o intérprete se familiarize com a sala, identifique a localização dos participantes e o melhor lugar para se posicionar, obtenha quaisquer informações finais necessárias, e conheça os participantes. O que enfatiza a necessidade de se chegar com antecedência, demonstrando profissionalismo. Podemos aplicar a mesma premissa em atividades remotas, que envolve configurar os ambientes, equipamentos, se apresentar e tirar dúvidas.

Gile (2009) denomina *Last-minute preparation*, preparação no último minuto ao discutir a preparação para interpretação de conferência. A obtenção de conhecimento ocorre geralmente com documentos disponibilizados pouco antes do início da conferência. Ele explica que os documentos nem sempre são fornecidos antecipadamente aos intérpretes, devido a atrasos na finalização, falta de consciência das necessidades dos intérpretes pelos palestrantes, confidencialidade e preocupações com segurança. Muitos documentos são disponibilizados apenas no último momento, no local do evento, alguns em formato de apresentação de slides, o qual os intérpretes podem estudá-los localmente, se tiverem laptops próprios. Dúvidas e questões não resolvidas também podem ser abordadas minutos antes do evento, com a ajuda dos envolvidos.

A preparação durante a tarefa consiste nos aprendizados que ocorrem enquanto se está interpretando. Por exemplo, a pessoa oradora pode explicar algum conceito ou termo, e isto vira um aprendizado a ser aplicado durante a interpretação.

Por esse motivo, é importante estar atento a conhecimentos novos e a como tudo se conecta no discurso para que a interpretação seja refinada.

Gile (2009) menciona que durante a conferência, muito conhecimento é adquirido por meio de documentos distribuídos após o início, conversas com participantes durante intervalos e ao ouvir apresentações. Este novo conhecimento é valioso para melhorar as condições de interpretação de futuras apresentações. Ouvir os participantes em diferentes idiomas também é uma oportunidade para enriquecer o conhecimento terminológico e fraseológico. Da mesma forma, trocar termos com colegas na cabine ou utilizar glossários preparados pela equipe pode ser muito eficaz na aquisição de conhecimento durante a conferência.

O Debriefing é o ato de revisitar a tarefa de interpretação, é uma prática recomendável pela categoria, mas muitas vezes esquecida. Kalina (2005) aborda na etapa que denomina de pós-processo. Mas como o pós-tarefa pode fazer parte da preparação? Pela análise da interpretação como um todo, se visa refinar o processo e dessa maneira estar mais preparado para a próxima. Sem esta reflexão, erros são repetidos, melhorias não acontecem. A análise envolve a autoavaliação, avaliação do trabalho em equipe, feedbacks, anotações/registros quando aplicável e por fim apontamentos de melhorias no processo de preparação.

A reflexão sobre a interação interpretada permite que o intérprete aprimore seu aprendizado. Durante esse processo, ele pode perceber aspectos da mensagem ou do evento que não foram totalmente compreendidos. Para resolver essas lacunas, ele pode fazer o debriefing com um colega e explorar recursos adicionais, como livros ou artigos, para aprofundar sua compreensão e aprimorar suas habilidades de interpretação (Demers, 2005).

#### 4.3 BRIEFING E PREPARAÇÃO PRÉVIA

Nosso foco a partir desse momento, será nas etapas iniciais de preparação, o Briefing e a Preparação prévia. Futuramente, em pesquisas posteriores, as outras etapas podem ser exploradas. A partir de agora, veremos quais informações a nível de detalhes podem ser consideradas nessas etapas iniciais. Os elementos psicofisiológicos que envolvem preparação física e psicológica não serão abordados por não serem o escopo dessa pesquisa, a qual tem como foco os elementos de preparação que se traduzem em documentação e podem ser registrados.

Essa etapa é crucial pois é nela que se concentra o estudo e documentação, bem como levantamento de tudo que é necessário, desde a equipe necessária até os equipamentos para viabilizar a interpretação presencial ou remota. Segundo Sánchez Ramos (2017 *apud* Ramos, 2020), a documentação, seja em papel ou digital, deve ser um dos pilares básicos na formação de tradutores e intérpretes. A compreensão do texto original e sua re-expressão depende do uso eficaz de seu conhecimento linguístico e documental (terminológico, fraseológico e textual), sendo este último componente da competência documental.

Os intérpretes precisam do máximo de informações antecipadas possíveis, principalmente sobre o objetivo do evento, o assunto e os participantes, na forma de documentos disponíveis, briefings e material de apoio (Kalina, 2015). Lucarelli (2006) menciona que a preparação é necessária em três níveis: terminológico, temático e situacional, com o objetivo de garantir que os intérpretes possam entender o assunto técnico a ponto de não comprometer suas atribuições interpretativas habituais, tais como: prever, antecipar, monitorar sua produção etc.

Lucarelli (2006) corrobora e cita Moser, a qual demonstra como a previsão está vinculada à organização das informações semânticas. Segundo ela, o conhecimento é fundamental, bem como a preparação, pois “nosso poder de previsão se baseia no que sabemos (caso contrário, estaríamos apenas adivinhando (Lucarelli, 2006, p. 5). Moser (1978:358 *apud* Lucarelli, 2006) afirma que, ao se preparar para uma conferência específica, o intérprete buscará criar uma ampla gama de conceitos e conexões, para agilizar e facilitar o processo de tradução. “O conhecimento não se limitará ao assunto em si, mas também se estenderá a como o assunto é discutido, com que finalidade, por quem, sob quais perspectivas etc” (Lucarelli, 2006, p. 5). Quanto mais conhecimento, mais relações entre conceitos ou ideias, mais rápido o intérprete poderá prever, como conclui Moser (1978:360 *apud* Lucarelli, 2006, p. 5). Portanto, briefings e estudos de documentação permitem ao intérprete antecipar e consequentemente reduzir o esforço de análise e produção, conforme Gile (2009):

Ao utilizar documentos e briefings preparatórios para adquirir conhecimento sobre uma conferência, ou seja, sobre fatos relevantes, nomes, ideias, termos e expressões que provavelmente serão mencionados ou utilizados durante a conferência, os intérpretes aumentam a sua capacidade de antecipação e, portanto, diminuem a capacidade de processamento requerida para seu esforço de escuta e análise e, às vezes, para seu esforço de produção. Resta mais capacidade para as tarefas que a exigem e os riscos de saturação podem ser reduzidos (p. 175, tradução nossa).

É de responsabilidade dos contratantes fornecerem os materiais de referência para os intérpretes se prepararem, é recomendado estar em cláusula de contrato. Porém, ocorre de os materiais não terem conteúdos suficientes sobre o tema, ou ainda, não ser possível o acesso a alguns mais específicos. Assim, o intérprete deve buscar outros materiais que o ajudem a compreender o tema ou o histórico. Documentos, sites, livros, artigos, relatórios, entre outros, podem servir como valiosas fontes de pesquisa. Sempre será possível alguma forma de se preparar. Gile (2002) descreve cinco fontes que podem ser utilizadas:

1. Documentos da conferência: abrangem todos os materiais produzidos pelos organizadores para preparar uma conferência, como listas de participantes, programas/agendas, resumos e relatórios. Eles são essenciais pois fornece informações relevantes e termos específicos. No entanto, esses documentos podem pressupor conhecimento prévio e, portanto, os intérpretes muitas vezes complementam sua preparação consultando dicionários, glossários ou fazendo perguntas a especialistas.
2. Documentos de referência relevantes: inclui livros didáticos, artigos de imprensa, documentos científicos e outros materiais que discutem os temas da conferência. Embora menos específicos para uma conferência em particular, esses documentos são úteis devido ao seu estilo sistemático e informativo. Os intérpretes frequentemente os utilizam para preparação, mas nem sempre são fornecidos com eles, sendo a internet uma fonte alternativa para obter informações relevantes.
3. Documentos complementares: são materiais utilizados para complementar os documentos da conferência e de apoio. Dentre eles, os mais comuns são os dicionários e glossários bilíngues, tanto comerciais quanto pessoais, que auxiliam na busca por equivalentes linguísticos.
4. Fontes humanas: especialistas da área são valiosas fontes para a preparação de intérpretes. É possível buscar a ajuda de especialistas e fazer perguntas específicas, mesmo que apenas durante a conferência, quando eles estiverem presentes e disponíveis.
5. Estratégias de preparação: As estratégias de preparação dos intérpretes variam amplamente, pode envolver leitura metódica de documentos, consultas a especialistas, preparação de resumos etc. Essas estratégias podem ser divididas em duas etapas: preparação antecipada, envolvendo documentos de apoio, e preparação no local, durante a conferência, que se concentra principalmente em documentos da conferência e, às vezes, em glossários.

Além dessas, identificamos na pesquisa documental outras fontes e materiais que podem ser utilizadas e, ainda, outros elementos importantes para se entender as três dimensões (contexto situacional, operacional e temática) conforme explanado anteriormente. Na disciplina de Estudos da Interpretação I, do curso Bacharelado em Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, na unidade didática dedicada à análise dos diferentes contextos de interpretação, o professor José Ednilson Gomes de Souza Júnior utiliza um quadro ([Anexo B](#)) de sua autoria (Souza-Junior, 2021), o qual seu preenchimento compreende uma atividade prática da unidade. Nele, o professor lista vários elementos a serem considerados pelo

intérprete, são informações que se relacionam com a preparação para interpretação nesses espaços. Utilizamos esse documento como referência na nossa pesquisa.

Outro documento utilizado foi “*Tips on helping interpreters prepare for your meeting*” (Dicas para ajudar intérpretes a se prepararem para sua reunião) publicado pela AIIIC, de autoria de Lucarelli (2013), disponível no [Anexo C](#). Esse documento é direcionado aos contratantes do serviço de interpretação, porém o seu conteúdo traz informações úteis tanto para contratantes quanto para intérpretes.

Elaboramos um quadro destacando as informações relevantes para a preparação, com base na literatura apresentada anteriormente (principalmente Kalina (2005) e sua tabela), nos documentos elaborados por Souza-Junior (2021) e Lucarelli (2013), e pelas experiências profissionais adquiridas na área. Foram listados vários itens com o intuito de detalhar ao máximo as possibilidades a serem consideradas no briefing e na preparação prévia. Alguns deles, serão mais aplicáveis em determinados contextos do que em outros. Este quadro pode servir como referência e consulta, visto que explica e exemplifica cada item.

Quadro 4 - Itens para briefing e preparação prévia

<b>BRIEFING E PREPARAÇÃO PRÉVIA</b>	
<b>Preparação do contexto situacional e preparação operacional</b>	
Evento/situação	(nome, título) disciplina em caso de IE, identificador
Responsável pelo contato	Pessoa, empresa ou órgão
Contato	Telefone, whatsapp, e-mail
Tema	Temática geral
Data e horário	Verificar disponibilidade e viabilidade
Duração	Probabilidade de passar? avaliar atendimento individual ou equipe
Local/Meio	Presencial, online, híbrido Endereço físico ou plataforma digital
Línguas de trabalho	As línguas solicitadas
Equipe necessária	Quantas duplas? Equipe mista, surdos e ouvintes? Disposição das pessoas surdas, necessário espelhamento? Guia- interpretação?
Outras línguas envolvidas	Ex: Palestrante estrangeiro, interpretado por outro intérprete

	para uma das suas línguas de trabalho.
Interpretação direta ou indireta (relay)	Direta: Língua fonte acessada diretamente Indireta: Língua fonte acessada por meio de outro intérprete
Contexto de atuação	Educacional, conferência, jurídico, saúde, religioso, audiovisual, remoto, liaison, artístico
Modalidade de interpretação	Simultânea, consecutiva, a prima vista, sussurrada, guia-interpretação
Direcionalidade da interpretação	Unidirecional ou bidirecional Ex: apenas português para Libras (unidirecional)
Interação	Dialógica/monológica Ex: palestra (monológica), atendimento (dialógica)
Situação comunicativa	Descrever o cenário, todos os elementos. Os participantes, o propósito, o meio, o contexto, a mensagem. Ex: Acompanhamento presencial a consulta médica particular em uma clínica, primeira consulta. Conversa com a médica em busca do tratamento mais adequado para o seu caso.
Gêneros Discursivos	Diálogo Narrativo, Informativo, Literário, Acadêmico, Científico
Objetivo comunicativo	Finalidade, intuito da comunicação. Ex: instruir funcionários a respeito de novos procedimentos
Nível linguístico, registro	Formal, informal, acadêmico, coloquial
Audiência, público	Quantidade, perfil, língua, nacionalidade, nível de conhecimento do assunto
Língua utilizada pelo palestrante	É a L1 dele? caso não, considerar sotaques
Espaço físico e/ou virtual	Local, fundo, iluminação, disposição, posicionamento, sentado/pé, local para o colega de apoio. Chroma, qual cor, enquadramento, plataforma, sala para apoio.
Equipamentos/tecnologia	Cabine e equipamentos, powerpoint, microfone, caixa de som, retorno de áudio, tela para retorno. Preparação dos materiais e equipamentos.
Falas simultâneas	Eventos com várias salas, apresentações teatrais
Equipe (organização)	Contato, divisão e distribuição, envio de materiais, preparo em equipe, compartilhamento, acordos e combinados.
Vestimenta	Roupa (cor, formalidade) e acessórios, figurino (artística)
Haverá registro?	Ata, foto, vídeo, transmissão ao vivo
<b>Preparação Temática</b>	



Temática	Tema ou assunto
Programa/roteiro	Quando aplicável, principalmente conferências. Roteiro. Haverá apresentação artística? música? intervalos? vídeos? solenidade
Documentos do evento	Documentos da conferência ou evento ou da disciplina
Background	Documentos de edições passadas (quando aplicável), relatórios ou informações de reuniões anteriores.
Resumo	Panorama resumido do tema
Artigos, livros, textos	Relacionados à temática
Conceitos e definições	Pesquisar os principais conceitos da área
Links úteis, sites	Site do evento, sites confiáveis sobre o assunto
Power point, apresentações	Materiais dos palestrantes, textos fornecidos
Contato com especialista	Contato com os próprios palestrantes ou com outros especialistas da área
Pesquisar os autores/palestrantes	Formação, origem/língua, área de trabalho/pesquisa, publicações, projetos, palestras/vídeos
Terminologia específica	Pesquisar significado dos termos de domínio específico, jargões e fraseologias
Sinais específicos	Investigar se existe sinais validados da área
Dicionários	Dicionários confiáveis para busca de significados
Glossários	Glossários especializados em ambas as línguas
Ensaio	Simular uma interpretação com um texto similar; Quando aplicável, ensaiar com participantes
Mapa conceitual	Organizar as informações em forma de mapas mentais
Imagens, fotos	Visualizar esquemas e fotos para noção visual
Vídeos em caso de palestrante sinalizante	Notar prosódia, sinais regionais, estilo e conteúdo
Palestras online	Notar prosódia, palavras recorrentes, estilo e conteúdo
Flashcards - revisão	Revisar os conteúdos estudados antes da tarefa
Atualidades sobre o tema	Notícias e novidades envolvendo a área

Fonte: elaborado pela autora

Dentre os itens listados, destacamos as informações iniciais pertinentes que ajudarão ao intérprete avaliar a viabilidade de atender a demanda. Para a preparação

operacional, vários detalhes são importantes para garantir as condições de trabalho e qualidade, como por exemplo, a estrutura do local e equipamentos. Além das línguas envolvidas e organização do trabalho em equipe, crucial para o bom desempenho da tarefa. Na etapa de preparação temática, foram listadas diversas fontes e itens que podem ser considerados para que o intérprete entenda melhor o assunto.

Pode-se constatar que a quantidade de informações é expressiva, neste quadro há 49 possibilidades de itens a serem considerados. Embora todas sejam valiosas, devemos ponderar sobre a viabilidade de uma pesquisa e documentação extensa em relação ao tempo disponível para a preparação pré-tarefa.

Na disciplina de Práticas de Interpretação I, ministrada pelo professor José Ednilson, é proposta uma atividade de preparação para o contexto educacional. A seguir a descrição da atividade:

- Objetivo: Desenvolver a habilidade de preparar-se para a interpretação educacional por meio da pesquisa e organização de informações relevantes.
- Desenvolvimento: Crie um documento e nele organize as informações necessárias para um intérprete preparar-se para a interpretação de uma aula de história do 1º ano do ensino médio com o tema “Grécia Antiga”.

O professor analisou as atividades dos alunos e notou produções extensas, incluindo vídeos e textos longos, que buscavam abordar muitos aspectos. Considerando a realidade do trabalho e não apenas as condições acadêmicas ideais, várias dessas atividades mostraram-se incompatíveis. O professor refletiu conosco e destacou que uma preparação extensiva é inviável e enfatizou a importância de uma abordagem para preparação mais realista e concisa.

Com isso em mente, e cientes que “apesar de muitos intérpretes possuírem conhecimento declarativo acerca da importância da preparação, podem não ter conhecimento procedimental (não sabendo como se preparar)” (Nogueira, 2020, p. 336), no próximo capítulo apresentamos uma proposta de guia de preparação (briefing e preparação prévia) seguido de uma discussão e reflexão que consideramos importante em se tratando de contextos especializados.

## 5 PROPOSTA E REFLEXÕES

### 5.1 GUIA DE PREPARAÇÃO PARA INTÉRPRETES

Com base em nossa pesquisa, na análise das informações bibliográficas e documentais utilizadas, bem como em nossas experiências, desenvolvemos uma proposta de guia de preparação para intérpretes de línguas de sinais. Nosso objetivo é oferecer um recurso conciso que aborde os principais aspectos da preparação, sem ser excessivamente extenso. A motivação para sua criação decorre não apenas da carência de materiais semelhantes que auxiliem intérpretes na fase de preparação, mas também das condições de trabalho observadas, que embora não seja o enfoque aqui, não podemos deixar de apontar. É preciso considerar:

- Sobrecarga de trabalho: um desafio enfrentado por muitos intérpretes que possuem jornadas de trabalho extensas com pouco tempo de preparação disponível (quando possuem). Exemplo: intérpretes educacionais frequentemente dispõem apenas cerca de 4 horas de tempo de preparo por semana para um total de 16 horas de aulas em disciplinas diferentes.
- Remuneração: Uma conferência geralmente paga 1 a 4 horas de preparo para eventos com 2 a 5 dias de duração. Em várias situações o tempo de preparação ainda não é remunerado.
- Proporcionalidade de tempo: para interpretações de curta duração, como acompanhamento médico, o tempo de preparo deve ser adequado e não pode ser excessivamente longo. Exemplo: Uma interpretação de acompanhamento ao médico pode durar de 10 a 30 min (tempo de uma consulta), uma preparação de 2h é desproporcional.
- Antecedência: Embora seja importante reservar um tempo adequado para a preparação, também é irrealista esperar ter várias semanas disponíveis para essa atividade. Em vários casos, a interpretação é agendada com uma semana ou ainda, alguns dias de antecedência.

Nesse sentido, elaboramos um guia de preparação pensando na otimização do tempo, algo plausível para uso diário. Neste guia, organizamos informações essenciais e um passo a passo para que o intérprete possa se basear. Reunimos grande parte das informações relevantes e elaboramos um guia separado em etapas, permitindo que o intérprete preencha e documente todas as informações encontradas. Esse guia é adaptável ao contexto de atuação e ao intérprete, permitindo adições ou supressões de itens conforme necessário. Além disso, um compêndio de ferramentas digitais foi anexado para auxiliar ainda mais na celeridade do processo.

O guia foi elaborado na ferramenta Notion, uma ferramenta com versão gratuita e com muitos recursos. No [apêndice B](#), encontram-se as imagens do guia, em versão não editável. O guia para acesso no Notion está disponível no link:

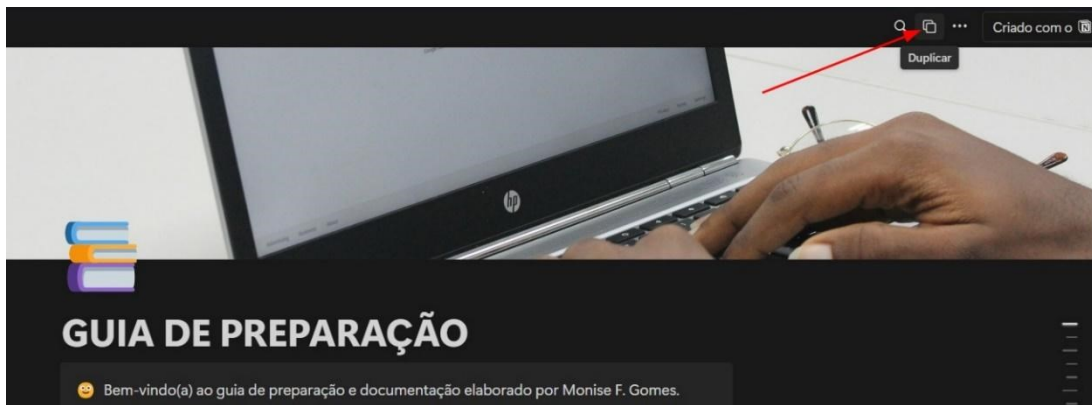
**[GUIA DE PREPARAÇÃO](#)**



Url: <https://monisefg.notion.site/GUIA-DE-PREPARA-O-f3cc70e93d054caca7e52eb2e2d487f2>

Nesta ferramenta, o usuário pode duplicar (figura 6) e editar o modelo disponibilizado e utilizar em sua conta pessoal. A conta pode ser criada fazendo o cadastro no Notion ou vinculando a uma conta Google ou Apple já existente.

Figura 6 - Como duplicar o modelo para sua conta



Fonte: acervo pessoal

A seleção da ferramenta também foi motivada por sua versatilidade, podendo ser utilizada tanto em dispositivos desktop, quanto em dispositivos móveis, como tablets e celulares. Com essa ferramenta, que permite salvar e criar várias cópias, é possível que o intérprete vá documentando e registrando todas suas pesquisas, que podem ser úteis em demandas futuras. Assim, se tem um efeito cumulativo de construção do conhecimento, cada vez mais refinado e de fácil recuperação. É possível compartilhar páginas com outras pessoas, sendo útil para preparação coletiva também. O Notion possui inteligência artificial integrada, no entanto, há restrições de uso na versão gratuita, que oferece apenas uma quantidade limitada para teste. O acesso ilimitado está disponível apenas no plano pago.

Ramos (2020) salienta a necessidade de o intérprete desenvolver habilidades digitais e a competência documental. Isso envolve estratégias de busca na Internet, conhecer diferentes formatos digitais, ferramentas de processamento de texto, por exemplo, para poder criar seu próprio material documental, usar a web como fonte para a criação de material autêntico. Para isso, apresenta-se a proposta na ferramenta

Notion, mas o seu conteúdo pode ser copiado e adaptado em outras ferramentas que o intérprete desejar.

O guia inicia com uma breve apresentação, licença de uso e meio de contato da autora, seguida da estrutura:

- **Etapa 1 - Briefing**
- **Etapa 2 - Preparação operacional e contextual**
- **Etapa 3 - Preparação temática**
  - Dicas de ferramentas para auxiliar o processo de preparação.
  - Notas explicativas

O guia contém tabelas e campos a serem preenchidos na própria ferramenta. É possível fazer upload de imagens, vídeos e documentos. Além disso, o intérprete pode fazer as edições que julgar necessárias a depender do contexto em que atua. São sugeridas algumas ferramentas da inteligência artificial úteis, as quais estão listadas em 'Ferramentas'. As 'notas explicativas' trazem informações para auxiliar no preenchimento em caso de dúvida na Etapa 2. Ao clicar no item que possui dúvida, será direcionado para a seção com sua explicação.

Um modelo do guia de preparação preenchido pode ser encontrado ao clicar em: [Guia de Preparação-Exemplo](#). Neste exemplo, uma situação real de uma apresentação de TCC, os nomes e informações pessoais foram suprimidos. Algumas pequenas adaptações foram feitas no guia para se adequar ao contexto da demanda, por exemplo, adição dos membros da banca, demonstrando o caráter adaptativo e o intuito do guia – ter uma base estrutural de informações pertinentes ao preparo, porém, adaptável à situação, ao contexto e ao modo de trabalho do intérprete.

Para otimizar o processo ainda mais, existem algumas ferramentas que podem ser úteis para o intérprete se preparar. Essas ferramentas podem ser baseadas em IA (Inteligência Artificial) ou não, e têm o objetivo de proporcionar um meio mais rápido e prático para auxiliar a etapa de preparação. Algumas das ferramentas disponíveis atualmente que consideramos úteis para preparação foram listadas no [Apêndice C](#). Foram priorizadas ferramentas de acesso gratuito.

O ChatGPT agora integra várias versões e ferramentas de IA no chat, os GPTs. Os GPTs são versões customizadas do ChatGPT que podem ser personalizadas para tarefas ou temas específicos. Destacamos, por exemplo, a categoria Pesquisa e análise, que conta com várias ferramentas úteis como Scholar

GPT, Scholar AI, SciSpace etc. Sendo outra opção a ser utilizada visto que congrega várias ferramentas em um mesmo local.

Cabe ressaltar que ao utilizar a IA, é crucial adotar uma postura responsável e ética. Confidencialidade é um pilar fundamental; informações pessoais, dados sensíveis ou sigilosos não devem ser expostos ou compartilhados indevidamente. É essencial verificar as fontes de informações, se possível comparar com fontes confiáveis, como livros e artigos acadêmicos para garantir sua autenticidade e precisão. Portanto, recomenda-se não usar exclusivamente a IA como fonte, sempre verificar informações importantes. Além disso, é importante aprender a formular perguntas de maneira eficaz para a inteligência artificial, que responde a um prompt específico, conhecido como comando. Um comando mal formulado provavelmente resultará em uma resposta inadequada, enquanto uma abordagem detalhada e precisa tende a obter melhores resultados.

Feitas as ressalvas, a IA pode ser útil para otimizar tempo em tarefas que lidam com volume alto de informações. Por exemplo, análise e identificação de recorrência terminológica, resumos e organização em tópicos. Ferramentas como SciSpace, permitem upload de arquivos e a utilização da IA para categorização das informações contidas. A funcionalidade de busca de artigos ainda não contempla artigos em português, porém as respostas podem vir traduzidas em português. O uso da IA também contempla vários idiomas, incluindo português.

Quanto às fontes de pesquisa para a preparação e documentação, é fundamental que o intérprete desenvolva habilidades para filtrar informações e fontes. “Conhecer as diferentes fontes de documentação, saber como usá-las e saber selecionar as mais adequadas de acordo com a tarefa designada deve fazer parte da tarefa diária de um tradutor e intérprete” (Ramos, 2020).

Apesar do nosso foco ter sido na interpretação de línguas de sinais devido a nossa experiência profissional, acreditamos que o guia também pode se adaptar para interpretação de línguas vocais, visto termos notados poucos elementos distintivos, porém, cabe continuação das pesquisas para validação desta hipótese.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que o tempo necessário para a preparação depende do conhecimento prévio do intérprete na área de especialidade. O guia de preparação não é uma bala de prata, ou seja, dependendo das circunstâncias e do nível de especialidade, não terá como abranger tudo o que é necessário. Como apontado por Demers (2005), se o conteúdo for muito complexo,

será necessário mais tempo para se preparar. Por exemplo, uma semana inteira estudando computação quântica pode não ser suficiente se o intérprete tem pouco conhecimento prévio de informática básica. Essa discussão será explorada mais detalhadamente adiante.

## 5.2 REFLEXÕES SOBRE A PREPARAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO

Conforme apresentado anteriormente, a discussão presente na literatura a respeito da preparação é unânime ao abordar sua importância para a qualidade do serviço de interpretação em qualquer contexto de trabalho. A análise dos conhecimentos necessários para se estar bem preparado, das diversas camadas envolvidas, bem como os diferentes contextos e níveis de especialização possíveis, leva-nos a refletir sobre como o intérprete pode estar preparado de fato. Neste sentido, gostaríamos de lançar uma reflexão sobre que caminhos o intérprete tem para estar bem preparado? Levando em consideração as condições de trabalho de intérpretes, geralmente com escasso tempo entre as demandas e a criticidade da qualidade do serviço prestado em todas as áreas do conhecimento (gerais ou específicas) para a comunidade surda e ouvinte.

Para fins de discussão, podemos analisar dois aspectos cruciais relacionados ao serviço de interpretação, os diferentes contextos de atuação e os temas e assuntos abordados. Sobre o primeiro, os contextos de atuação possuem especificidades e demandam conhecimentos específicos do intérprete. Cita-se alguns exemplos: contexto jurídico, educacional, da área da saúde, empresarial. O intérprete precisa conhecer bem a área, como funciona, suas características, os interlocutores e seus papéis, os jargões e significados a fim de prestar um bom serviço. A respeito dos temas e assuntos, é provável que o intérprete se depare com temáticas altamente especializadas. Caso o intérprete não tenha o conhecimento específico, como realizar um estudo aprofundado do assunto, adquirir conhecimento temático suficiente e dominar a terminologia (Choi, 2005; Kalina, 2015) em pouco tempo? É possível?

Para iniciarmos a reflexão, consideramos que para além da preparação pré-tarefa - processo imediato antes de interpretar, os intérpretes podem estar preparados por meio de conhecimento sólido que adquirem ao longo de suas formações e estudos contínuos. Ou seja, obtenção a longo prazo de conhecimentos específicos de um determinado domínio. Tal visão se justifica pela criticidade que envolve uma interpretação em contexto especializado. Uma interpretação de qualidade é

imprescindível, em qualquer área, porém existem áreas que exigem maior nível de conhecimento específico por parte do intérprete. Toda essa base de conhecimento é muito difícil de ser alcançada em pouco tempo de preparação.

As demandas de interpretação que tratam de assuntos altamente especializados vêm crescendo. Visto que uma interpretação imprecisa conceitual e terminologicamente pode prejudicar o público, a reflexão a respeito da atuação dos intérpretes na veiculação de conhecimento especializado é crucial porque afeta diretamente a carreira profissional das pessoas surdas envolvidas nessas áreas. Com o aumento da participação de pessoas surdas em diversos contextos e em domínios específicos, cada vez mais se faz necessário intérpretes com conhecimentos especializados. “Os profissionais generalistas começam a procurar formação especializada para poderem trabalhar eficazmente em locais especializados” (Witter-Merithew; Nicodemus, 2012, p. 56).

Em seu artigo, Witter-Merithew e Nicodemus (2012) discutem sobre o desenvolvimento da especialização nas profissões. Historicamente, à medida que as profissões crescem, evoluem no sentido de desenvolver áreas de especialização dentro da sua disciplina. A especialização é o estreitamento deliberado da prática em uma área específica, o que exige aprendizado teórico e experiência prática para fornecer as bases de uma prestação de serviços competente. Essa preparação visa fornecer conhecimento especializado, incluindo terminologia e características discursivas únicas de uma área. Um especialista é alguém que, por meio de formação avançada, aquisição de habilidades especializadas e experiência, destaca-se como qualificado para atender às exigências do trabalho de interpretação especializado.

Especificamente sobre o desenvolvimento da competência especializada dos profissionais de interpretação, as autoras mencionam ser um desafio. Um dos motivos é que os intérpretes são treinados para possuir competência generalista (Witter-Merithew; Nicodemus, 2012, p. 57). Embora a discussão sobre a formação generalista e os currículos dos cursos não esteja no escopo desta pesquisa, não podemos deixar de citá-la. Atualmente, a maioria dos cursos de graduação raramente abordam contextos específicos para atuação profissional do intérprete de Libras-Português (Nogueira; Santos, 2018). No entanto, diante das crescentes demandas do mercado de trabalho, quando o profissional se especializa, ele pode oferecer um serviço cada vez mais qualificado, beneficiando o público e o intérprete.



Mas como o processo de especialização do intérprete ocorre? Witter-Merithew e Nicodemus (2012) explicam que existem dois processos: *de facto* e *de jure*. Um meio de os intérpretes se especializarem é por meio de processos *de facto*, ou seja, autodesignação de conhecimento especializado com base em sua experiência em âmbitos, populações ou funções específicas. Intérpretes que se identificam como tendo conhecimento especializado em áreas como educação, saúde, contextos legais ou quando trabalham com populações específicas, como surdocegos ou imigrantes. Idealmente, a especialização *de facto* incluirá fatores como prática concentrada em uma área, treinamento adicional e/ou mentoria em um âmbito ou população específica, não necessariamente com documentação oficial ou certificações.

Já os processos de especialização *de jure* ocorrem por meio da obtenção de certificações específicas e a conclusão de programas de educação formal, como sequências de estudos avançados de interpretação oferecidos por universidades ou sistemas de certificação padronizados fornecidos por entidades reconhecidas, como o RID<sup>12</sup> nos Estados Unidos. Esse tipo de especialização é comprovado por documentos oficiais, como históricos escolares e comprovantes de certificação (Witter-Merithew; Nicodemus, 2012).

Aqui no Brasil, ainda não temos um sistema de certificação. Esse é outro desafio para o desenvolvimento da especialização levantado pelas autoras, a ausência de padrões definidos para muitas das áreas de especialidade reconhecidas. Por exemplo, o RID não desenvolveu medidas de avaliação de competência especializada para várias áreas que requerem habilidades além das de um intérprete generalista. Apesar disso, apontam que a prática especializada na interpretação de ASL-ínglês existe, e é provável que aumente devido às tendências do mercado (Witter-Merithew; Nicodemus, 2012, p. 57).

Enquanto não há avanços sobre essa problemática, o ponto central é que seja por meio *de facto* ou *de jure*, o intérprete pode buscar caminhos para especializar-se e isso seria o desejável. Não estamos defendendo que o intérprete deve ser verdadeiramente um especialista de uma área para conseguir atuar como intérprete - apesar de soar como o ideal, não parece ser sempre o possível, mas sim que este deve ser especializado ao atuar em contextos que exigem. Os intérpretes que

---

<sup>12</sup> Registry of Interpreters for the Deaf

possuem uma formação complementar ou adicional em alguma área de especialidade, ou que adquiriram bastante experiência de trabalho juntamente com estudos têm maior conhecimento do que um intérprete sem essa bagagem. Esses intérpretes, portanto, estarão melhor preparados através de conhecimento adquirido por formações e estudos. Esse conhecimento acumulado pode refletir na qualidade de interpretação e na preparação desses profissionais.

O conhecimento específico pode ser adquirido e continuar sendo construído de diferentes maneiras. Destaca-se:

- Formação Acadêmica: Cursos universitários, cursos de graduação ou programas de pós-graduação.
- Formação complementar e/ou Formação adicional:
  - Instrução formal: Participação em treinamentos, workshops, cursos especializados, cursos técnicos e outros similares.
  - Autoeducação: Livros, artigos, videoaulas, estudos e atualização contínua.
- Experiência Prática: Atuar em determinados contextos (jurídico, médico, conferências, etc.) frequentemente e sempre aprimorar habilidades.

Considerando essas diferentes possibilidades, organizamos um quadro para apresentar alguns possíveis perfis de atuação e formação dos intérpretes. A escolha dos termos utilizados têm como objetivo comunicar claramente nossas ideias e distinguir os perfis propostos, se aplicam a este contexto de uso, não sendo definitivos, futuramente podem ser revistos. São eles: Generalista, Experto e Especialista.

Quadro 5 - Perfis de atuação e formação dos intérpretes

	Perfil de atuação	Formação
Generalista	Atua em diversas áreas igualmente sem distinção, não especializado em nenhuma.	Formação em tradução/interpretação.
Experto	Atua em várias áreas, mas se especializou em uma ou algumas.	Formação em tradução/interpretação + formações complementares e/ou adicionais e/ou autoeducação e/ou vasta experiência em uma área.
Especialista	Atua em uma área especializada majoritariamente.	Formação acadêmica superior em uma área específica + formação em tradução/interpretação.

Fonte: elaborado pela autora

Para exemplificar, a seguir (Quadro 6), três perfis fictícios serão apresentados para ilustrar como os perfis dos intérpretes se aplicam na prática. A formação e os conhecimentos são descritos, pensando na aplicação em um contexto de direito.

Quadro 6 - Exemplo prático - perfis de intérpretes

	Formação	Conhecimento
Intérprete 1	Bacharelado em Letras Libras	Conhecimento não aprofundado em várias áreas.
Intérprete 2	Bacharelado em Letras Libras + Curso de curta duração de direito + Estudos/afinidade na área	Grau mais aprofundado de conhecimento da área de direito, mas não aprofundado em outras áreas.
Intérprete 3	Graduação em direito + Pós em tradução/interpretação	Elevado grau de conhecimento específico da área de direito. Não aprofundado em outras áreas.

Fonte: elaborado pela autora

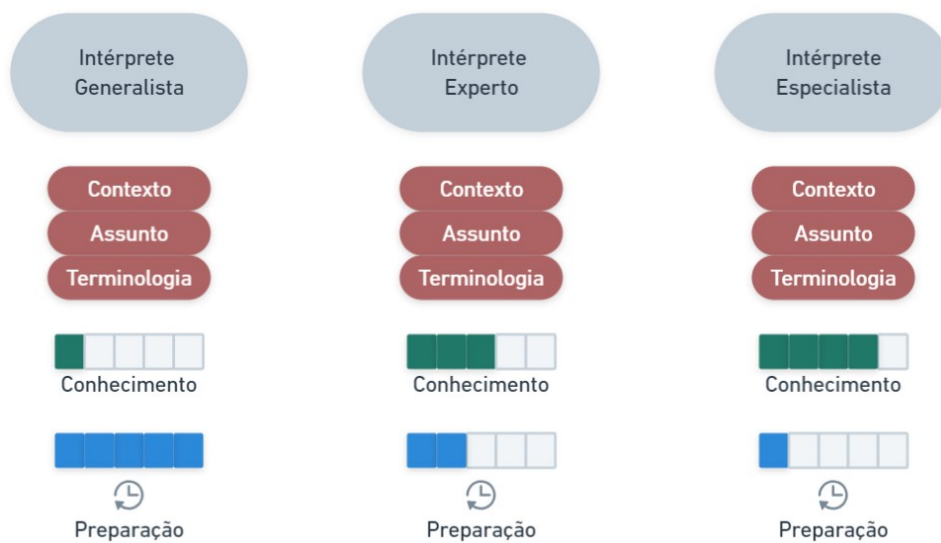
Tomando um cenário de audiência como exemplo, considera-se o intérprete 1 generalista, o intérprete 2 experto e o intérprete 3 especialista. O intérprete 2 e 3 neste contexto estão mais preparados para atuar visto terem conhecimento específico sobre a esfera jurídica. O intérprete 3, pode ser considerado especialista por ter uma formação específica nesta área de conhecimento. O intérprete 2 não tem uma formação extensa sobre, mas tem familiaridade e estuda sobre o tema, terá uma boa base da temática já dominando conceitos básicos. O intérprete 1, por outro lado, precisará despender bastante esforço para adquirir uma base de conhecimento contextual e conceitual que lhe permita desempenhar a interpretação sem prejuízos.

Os intérpretes podem assumir diferentes perfis (generalista, experto e especialista) dependendo da área. O intérprete especialista assume perfil generalista atuando fora de sua área de especialidade. Por exemplo, os intérpretes 2 e 3 assumem perfil generalista atuando em uma conferência da área da saúde. Uma observação importante é que esta proposta de categorização não é estanque e nem restrita, outros perfis podem ser considerados. Além disso, estamos considerando profissionais que já possuem competência em interpretação. Não estamos comparando competência interpretativa, pois assumimos que todos a tenham. Estamos argumentando como o conhecimento específico pode refletir na preparação e na qualidade da interpretação. Ainda, apesar de mencionarmos níveis de formação de intérpretes, não estamos discutindo a qualidade da formação ou quão significativas são as experiências de cada profissional. Tomamos como base um intérprete com formação adequada em qualquer um dos níveis mencionados.

O intérprete experto ou especialista terá maior conhecimento da área específica do que um intérprete generalista, terá competências especializadas conforme já mencionado. O maior conhecimento da área será decisivo quanto a que

estratégias adotar, principalmente influenciando a preparação deste. Na etapa de preparação, o intérprete experto/especialista não precisará se debruçar em estudar todos os conceitos básicos, pois já os dominará e poderá se ater ao estudo de novos conhecimentos e ao contexto específico da atuação, o que o deixará cada vez mais preparado a longo prazo. Com isso, o tempo de preparação também se torna cada vez menor, pois ele pode direcionar sua preparação de maneira mais assertiva e otimizada. Para ilustrar:

Figura 7- Perfis de intérpretes, conhecimento, tempo de preparação



Fonte: elaborado pela autora

O tempo de preparação é um fator crítico nas condições de trabalho dos intérpretes. Muitas vezes ele não possui uma semana ou mais para estudo, apenas alguns dias ou nem isso, além da questão dos honorários que geralmente não consideram as horas despendidas na preparação. O intérprete consciente e responsável, no entanto, sabe da importância de estar preparado para uma atuação. Defendemos que a especialização do intérprete contribui para solucionar parte desta problemática. O tempo de preparação se comparado a um colega não especializado será menor, pois ele já terá uma boa base de conhecimento, bem como o próprio conhecimento o ajudará a prover uma interpretação de maior qualidade, sabendo como as coisas se conectam no discurso, conhecendo a terminologia e conceitos. Seleskovitch (1978:64 *apud* Lucarelli, 2006) ressalta que “por mais intenso que seja o esforço de raciocínio, é impossível fazer a associação necessária de ideias se não houver conhecimento prévio sobre o qual se basear”.

O intérprete generalista, inserido em um contexto especializado, muitas vezes não tem ciência que pode não estar compreendendo certo o sentido de algum termo ou frase pela falta do conhecimento específico. Para exemplificar: na área da computação, ao escutar as palavras 'cliente', 'consumidor' e 'servidor'<sup>13</sup>, palavras de uso comum em outros contextos, se o intérprete sinalizar 'cliente' e 'consumidor' no sentido de pessoa atendida e que compra algo e 'servidor' como funcionário, estará equivocado pois está longe do significado real no contexto. Sendo assim, o conhecimento da área é imprescindível para que se saiba o significado aplicado àquele contexto e possa utilizar uma estratégia de interpretação adequada.

Essa premissa se aplica para ambas as direções de interpretação intermodal. É fundamental que se interprete o significado/sentido correto para o público surdo que está dependendo daquele conhecimento específico muitas vezes para sua carreira ou estudos. Na interpretação para língua vocal, é crucial o emprego da terminologia ou fraseologia correta conforme o padrão da área, dessa forma garante-se credibilidade da fala da pessoa surda que domina o assunto.

O domínio da terminologia é essencial para atuar em contextos especializados. Fantinuoli (2017) enfatiza a importância de estabelecer equivalência lexical, semântica e funcional durante a interpretação, o que requer uma compreensão profunda do domínio e do contexto comunicativo. Intérpretes devem adquirir um entendimento prático do tema, familiarizando-se com os conceitos subjacentes para compreender rapidamente as ideias do orador e contextualizá-las dentro do conhecimento especializado dos participantes. Além disso, o conhecimento fraseológico é crucial, pois o uso correto das unidades fraseológicas melhora a qualidade da interpretação e a percepção de profissionalismo (Fantinuoli, 2017).

Retomando o que Gile (2009) afirmou a respeito da linguagem especializada, o vocabulário não pode ser aprendido de uma vez só devido a sua grande extensão e

---

<sup>13</sup> Cliente: Refere-se a um dispositivo ou programa que solicita serviços ou recursos de outro dispositivo ou programa, conhecido como servidor. Em redes, um cliente é geralmente um computador, smartphone, tablet ou outro dispositivo que acessa recursos compartilhados em uma rede.

Servidor: É um computador ou sistema de computadores que fornece serviços, recursos ou dados para outros dispositivos, conhecidos como clientes, em uma rede. Os servidores podem fornecer uma variedade de serviços, como hospedagem de sites, armazenamento de arquivos, processamento de dados, e-mail, entre outros.

Consumidor: Pode referir-se a qualquer entidade (como um programa, processo ou dispositivo) que consome dados ou recursos fornecidos por outro componente de um sistema computacional. Por exemplo, um consumidor de serviços da web é um programa ou aplicativo que utiliza APIs (Interfaces de Programação de Aplicativos) para acessar e utilizar serviços fornecidos por um servidor web.

constante evolução. Uma estratégia de prevenção citada por Bélanger (2015) é a operação automática, uma medida de longo prazo que envolve a expansão do conhecimento do intérprete para que ele possa responder de forma natural e imediata durante a realização da interpretação. Todos esses aspectos envolvidos ao interpretar em contextos especializados evidenciam a necessidade do conhecimento específico que o intérprete deve ter ao atuar nas áreas com essa característica, bem como explicam a dificuldade que intérpretes generalistas encontram.

A pesquisa de Machado e Feltes (2015) aborda a importância da especialização do intérprete e como o conhecimento que este detém, ou a falta dele, influencia nas escolhas interpretativas ao atuarem em um contexto de especialidade, no caso, em contexto político. A partir da análise de trechos, várias inadequações nas escolhas interpretativas foram observadas. As autoras discutem a especialização do TILSP para atuar com a terminologia política, uma formação setorizada por área de atuação (Machado; Feltes, 2015, p. 261). Isso justifica-se pois os TILSP que adquirem o conhecimento especializado e o conhecimento prévio, realizam com propriedades o processo interpretativo simultâneo, e suas escolhas lexicográficas se evidenciam num trabalho mais refinado e minucioso (Machado; Feltes, 2015, p. 245).

Grooms (2015) destaca a importância do treinamento especializado para profissionais intérpretes que atuam em campos STEM - *Science, Technology, Engineering, and Mathematics* (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). O pesquisador aponta a falta de intérpretes de língua de sinais qualificados em STEM prejudica o desenvolvimento profissional de estudantes e profissionais surdos nessas áreas. A pesquisa com 57 respondentes surdos dos EUA, identifica competências essenciais para intérpretes em STEM, como conhecimento específico da disciplina e experiência prévia. Profissionais surdos das áreas STEM preferem intérpretes com conhecimento do conteúdo das disciplinas que interpretam, pois é importante compreender o significado para interpretar mensagens equivalentes no idioma de destino. Também preferem que os intérpretes tenham alguma experiência prévia na prestação de serviços em sua disciplina específica. Conclui-se que o treinamento especializado é essencial para atender à demanda crescente por serviços especializados.

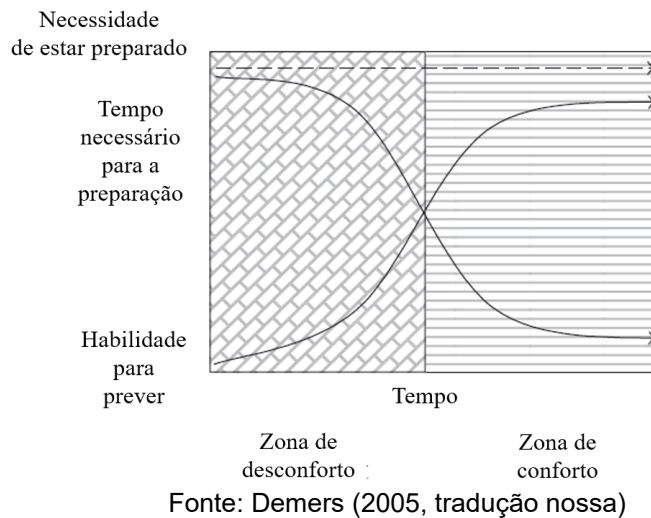
Sendo assim, conforme as pesquisas apontam, o caminho que nos parece promissor é que o profissional se especialize em um determinado campo do conhecimento técnico, dessa forma as dificuldades envolvendo o entendimento do

significado e questões terminológicas são amenizadas e a interpretação é mais refinada. Além disso, o próprio processo de interpretação é atenuado em termos de carga cognitiva. Lucarelli (2006) cita o modelo de processamento de Moser, o qual enfatiza como o contexto e o conhecimento podem melhorar o desempenho da interpretação ao facilitar o acesso mais rápido às informações armazenadas na memória de longo prazo. Isso permite que os intérpretes dediquem mais atenção às informações recebidas e às tarefas de produção.

Retomando o modelo dos esforços e o modelo gravitacional de Gile, o acesso mais rápido diminui a carga de processamento requerida. Por meio do conhecimento prévio também ocorre a antecipação que reduz o esforço de escuta e análise, “resta mais capacidade [de processamento] para as tarefas que a exigem e os riscos de saturação podem ser reduzidos” (Gile, 2002). Quanto mais conceitos e suas relações são estabelecidos, melhor a capacidade de previsão do intérprete, o que facilita e agiliza o processo. Neste sentido, podemos retomar Demers (2005) que relaciona a preparação e habilidade para prever.

No início da carreira o intérprete tem pouca experiência e não é capaz de prever com muita especificidade, gasta muita energia e tempo se preparando para o desconhecido. Lidar com o desconhecido tende a induzir a ansiedade em muitas pessoas, Demers (2005) chama essa área de "zona de desconforto" do intérprete. Em algum momento da carreira de todo intérprete, independentemente do tipo de trabalho que escolhe, o ponto onde a previsibilidade e a preparação se cruzam é encontrado. A partir desse ponto, o intérprete tem mais condições de prever o que acontecerá e, portanto, pode fazer a previsão do que será feito, o que acontecerá e, portanto, pode tornar sua preparação mais eficaz e eficiente. Demers chama de “zona de conforto” (Figura 8).

Figura 8 - A preparação e o conforto do intérprete ao longo do tempo



Acreditamos que isso acontece tanto em função do tempo quanto das experiências em uma mesma área (mesmo que em um tempo não muito extenso), pois cada vez mais ele vivencia diferentes possibilidades situacionais ao passo que também agrega mais conhecimento. A necessidade de preparação se mantém constante, mas o tempo necessário para ela tende a decair. Outra conclusão que podemos chegar, é que o intérprete que não tem a habilidade de prever por desconhecer a área, necessita maior tempo de preparação, corroborando com nossa proposta de que o intérprete generalista precisará dedicar muito mais tempo e estará na zona de desconforto.

Sendo assim, é indiscutível o papel fundamental do conhecimento prévio para uma interpretação. Dada a discussão a respeito da preparação a longo prazo como sendo ideal principalmente para contextos especializados, ainda assim, não se exclui a preparação pré-tarefa de interpretação. Independente do contexto, do grau de experiência ou conhecimento prévio do intérprete, toda situação exige preparação pré-tarefa. Conforme apresentado anteriormente, quando o intérprete já possui uma preparação a longo prazo, o tempo da preparação pré-tarefa pode ser menor e otimizado, devido ao conhecimento que já detém e a habilidade de previsão mais apurada, mas dificilmente será anulada.



## 6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, investigamos a preparação e documentação para tarefas de interpretação. Conforme apontado, as etapas preparatórias são fundamentais na garantia da qualidade da interpretação, independentemente da modalidade de língua em que o intérprete trabalha. A preparação se mostra como uma excelente estratégia de prevenção de problemas, ela aumenta a disponibilidade linguística e auxilia o processo interpretativo por diminuir a carga cognitiva despendida nos esforços envolvidos, por meio da antecipação, previsão e compreensão. A preparação contribui para uma interpretação mais fluida, com mais tranquilidade, confiança e menos desgastante cognitivamente para o intérprete. Além de proporcionar maior precisão conceitual, terminológica e situacional, ou seja, a preparação é a base para uma interpretação de qualidade (Kalina, 2005; 2015; Choi, 2005; Gile, 2009; Nicodemus; Swabey; Taylor, 2014; González-Montesino, 2016).

Conforme apresentado pela literatura, diversos elementos compõe a preparação, que envolve não somente familiarizar-se com o assunto em questão e, estudar a terminologia relevante, mas também se ater a todo o contexto, os participantes, o ambiente e a situação. Atividades de preparação, como briefing e documentação, são essenciais para estabelecer uma base contextual, conceitual e linguística sólidas para a interpretação. Essa etapa, de preparação prévia, engloba a documentação. Uma boa documentação propicia que tradutores e intérpretes obtenham o conhecimento temático, terminológico, fraseológico e textual necessário para a tarefa. Este processo visa assegurar que os intérpretes estejam bem informados e preparados para compreender e interpretar com precisão o conteúdo durante a interpretação, reduzindo a probabilidade de erros e aumentando a eficácia da comunicação. Além disso, inclui também a parte técnica, e organização de tudo que é necessário para viabilizar o trabalho.

Contudo, de acordo com a bibliografia, a preparação prévia, que engloba a documentação e estudo individual, não é a única etapa e não só ela é considerada preparação. Outras etapas do processo são mencionadas, como a preparação no último minuto e preparação durante a tarefa (Gile, 2009). Portanto, com base na pesquisa e na nossa experiência profissional, propomos que as principais etapas de preparação de modo abrangente são: briefing, preparação prévia, preparação na chegada, preparação durante a tarefa, debriefing.

A partir desse entendimento, nos debruçamos a organizar os principais elementos citados para a preparação prévia, os quais foram categorizados em: preparação do contexto situacional, operacional, temática, psicofisiológica. Para delimitação da pesquisa, focamos nos elementos de preparação prévia relativas ao estudo e documentação. A proposta de um guia de preparação desenvolvido a partir dessa pesquisa visa otimizar o processo de preparação, tornando-o viável e eficiente para uso diário. O guia tem como intuito auxiliar o intérprete de maneira prática através da organização de informações pertinentes ao preparo, porém, adaptável ao contexto, situação e modo de trabalho do intérprete. Ademais, estimula-se o registro da documentação o que possibilita a recuperação e construção cumulativa de conhecimento autêntico e confiável.

Além disso, este estudo destacou a relevância do conhecimento prévio que o intérprete detém e da habilidade de prever, fatores aprimorados continuamente ao longo de sua carreira através das experiências e capacitação. O que nos levou a refletir sobre um questionamento frequentemente discutido, se o intérprete deve ou não ter formação específica em uma área? Conforme apresentado, há diferentes perfis e possibilidades de especializações, todas são válidas dependendo do contexto. No entanto, o tempo de preparação exigido irá depender do grau de especialização do intérprete. Assim, destacamos que uma formação específica em uma determinada área tende a reduzir significativamente o tempo de preparação para uma tarefa de interpretação nesta área.

A compreensão de que o tempo de preparação depende do conhecimento prévio do intérprete e que esse conhecimento contribui para uma interpretação acurada em áreas de especialidade reforça a ideia de que a especialização do intérprete é uma opção aconselhável. Isso se deve também ao crescimento das demandas especializadas, que exigem um nível de expertise cada vez maior para garantir a qualidade e a eficácia da interpretação.

A preparação é uma parte integrante e essencial do trabalho de interpretação, não devendo ser vista como algo a parte ou adicional. Nesse sentido, é importante que a categoria reflita sobre a inclusão do tempo destinado à preparação nos honorários; e que realmente o faça, se prepare proficuamente. Considerar esse tempo de preparo como parte do trabalho é fundamental, isso demonstra profissionalismo e também reflete o compromisso com a qualidade e a excelência na prestação do serviço.

Outra questão emergente é o tema preparação no currículo dos cursos de formação de intérpretes de Libras. Cabe propor pesquisas que se aprofundem nesta temática. A preparação e documentação são componentes importantes da formação de intérpretes que precisa abordar conteúdos sobre formas de adquirir conhecimento sobre um tema, estudar documentos, preparar glossários, métodos de preparação prévia e durante a tarefa de interpretação, além de praticar o uso de ferramentas de busca e bancos de dados terminológicos (Kalina, 2015).

Sobre o uso das ferramentas digitais, abordamos como elas podem auxiliar o trabalho do intérprete, na etapa de preparação, por exemplo, são úteis e aconselháveis. Se faz necessário cada vez mais que o intérprete se atualize constantemente, devido à velocidade do avanço tecnológico. As tecnologias e ferramentas digitais devem ser incorporadas ao trabalho do intérprete, não banidas, dadas às suas potencialidades. Alguns podem ter receio da tecnologia substituir nosso trabalho, porém concordamos com Barry (Lourdes De Rioja, 2015, tradução nossa) que diz: “os intérpretes não serão substituídos pela tecnologia e sim pelos intérpretes que se utilizam dela”. Existem várias ferramentas disponíveis atualmente, citamos algumas, mas a tecnologia está em constante evolução, e novas ferramentas podem surgir. Portanto, é fundamental que o intérprete permaneça atento e atualizado sobre as mudanças tecnológicas.

Como limitações da pesquisa, entendemos que a aplicação para validação das propostas trazidas aqui se faz necessária. Portanto, este estudo representa o primeiro passo em direção a uma pesquisa experimental subsequente, na qual o guia desenvolvido poderá ser testado e validado em um contexto prático, visando assim contribuir para o aprimoramento contínuo das práticas interpretativas e para o avanço da área como um todo. Além disso, as outras etapas de preparação não abordadas aqui também podem ser exploradas em pesquisas futuras.

De modo geral, concluímos dizendo que a preparação permite que os intérpretes forneçam interpretações de maior qualidade, contribuindo para interações bem-sucedidas. Este trabalho apresenta um guia prático de preparação para os intérpretes de línguas de sinais, e acima de tudo, enfatiza a importância da preparação como um componente essencial da prática profissional, capaz de influenciar positivamente a qualidade do serviço prestado e a percepção de profissionalismo dos intérpretes. Uma boa interpretação começa na preparação.

## REFERÊNCIAS

AIIC Brasil. Ciclo de palestras AIIC@70 - 5a palestra com Patrizia Cavallo. YouTube, 24 de outubro de 2023. 1h29min17s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LQQQLq58pPw>>. Acesso em: 12 de março de 2024.

AIIC Interpreters. AI for Interpreter Support and Training. Ildikó Horváth on AI tools for interpreters. YouTube, 4 de janeiro de 2021. 33min25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IQO5VSWZInY>>. Acesso em: 10 de março de 2024.

BÉLANGER, Danielle-Claude. The specificities of French-Quebec Sign Language interpreting Second part: How to maintain the balance in interpreting. IN: ROY, Cynthia B; NAPIER, Jemina. The Sign Language Interpreting Studies Reader. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

BARBOSA, Diego Mauricio. Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; MAURICIO, Aline C. (Org.). Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 3. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2013.

CAVALLO, Patrizia. Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências. 2019. Tese (Doutorado em Letras: Lexicografia, Terminologia Tradução – Relações Textuais) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CAVALLO, Patrizia. A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues. Tradterm, v. 25, p. 61, 2015.

CHOI, Jungwha. Qualité et préparation de l'interprétation. Évolution des modes de préparation et rôle de l'Internet. Meta, v. 50, n. 4, 2005.

DEMERS, Hubert. The working interpreter. In: JANZEN, Terry. Topics in Signed Language Interpreting Theory and Practice. John Benjamins. 2005, p. 203-230.

FANTINUOLI, Claudio. Computer-assisted preparation in conference interpreting. The International Journal of Translation and Interpreting Research, v. 9, n. 2, 2017.

GILE, Daniel. The Effort Models and Gravitational Model clarifications and update. 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.20178.43209>>

GILE, Daniel. Weininger, T. de: M. J., Bleyer Ferreira dos Santos, G., & Barbosa, D. M. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição. Cadernos De Tradução, 35(esp. 2), 590–647, 2015.

GILE, Daniel. Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 278, 2009.

GILE, Daniel. The interpreter's preparation for technical conferences: Methodological questions in investigating the topic. *Conference Interpretation and Translation*, 4(2), 7-27, 2002.

GONZÁLEZ-MONTESINO, Rayco H. La Estrategia Siempre A Mano: Propuestas Didácticas Para La Interpretación En Lengua De Signos. Programa De Doctorado En Lingüística Y Sus Aplicaciones. Facultad De Filología Y Traducción, Universida de Vigo, Vigo, 2016.

GROOMS, Christopher. Interpreter competencies in science, technology, engineering, and mathematics as identified by deaf professionals. 103 p. Master's thesis. Western Oregon University, 2015.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KALINA, Sylvia. Preparation. In: PÖCHHACKER, Franz. *Routledge encyclopedia of Interpreting Studies*. 1. ed. London, New York: Routledge, 2015. p. 318-320.

KALINA, Sylvia. Quality Assurance for Interpreting Processes. *Volet interprétation*, v. 50, n. 2, p. 768-784, 2005.

LUCARELLI, Luigi. "Tips on helping interpreters prepare for your meeting". *aiic.net*. May 9, 2013. Disponível em: <<https://aiic.net/p/6533>>.

LUCARELLI, Luigi. Conference Preparation: Considerations and a Course Proposal. *Conference Interpretation and Translation* 8(1), 1-24, 2006.

Lourdes De Rioja. Technology and Interpreting: Three Questions on Every Interpreter's Mind. YouTube, 15 de abril de 2015. 11min21s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4uwyXyRpc1s>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MACHADO, Flavia. M. A.; FELTES, Heloísa. P. M. A interpretação simultânea no contexto político. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, p. 236, 2015.

MORANDÍN-AHUERMA, Fabio. What is Artificial Intelligence? *International Journal of Research Publication and Reviews*. 2022.

NICODEMUS, Brenda; SWABEY, Laurie; TAYLOR, Marty M. Preparation strategies used by American Sign Language-English interpreters to render President Barack Obama's inaugural address. *The Interpreters' Newsletter*, 19, 27-44, 2014.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. Atividade de Preparação para Intérpretes de Libras-Português em Conferências. In: Rodrigues, C. H.; Quadros, R. M. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais V. 1. ed. Florianópolis: Insular. 2020, p. 331-348.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; SANTOS, Silvana Aguiar dos. Tarefas de interpretação de libras/português: reflexões sobre uma proposta metodológica de ensino para contexto de conferência. *Transversal - Revista em Tradução*, Fortaleza, v.4, n.7, p. 93-112, 2018.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. spe, pp. 209-236, 2003.

PAGURA, Reynaldo J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. *Tradução &: perspectivas teóricas e práticas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. *Manual de terminologia*. Traduzido por Enilde Faulstich. Montreal: Canada Translation Bureau. 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2ª edição. Universidade Feevale. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil, 2013.

RAMOS, María del Mar Sánchez. *Documentación digital y léxico en la traducción e interpretación en los servicios públicos (TISP): fundamentos teóricos y prácticos*. Berlin: Peter Lang, 2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique; CHRISTMANN, Fernanda. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de línguas de sinais: os ETILS na pós-graduação em Estudos da Tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 43, n. 1, p. 1-44, 2023.

SANTOS, Katia. A. S; LACERDA, Cristina. B. F. O intérprete de libras-português no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação. *Bakhtiniana – Revista De Estudos Do Discurso*, v. 13, p. 63-82, 2018.

SOUZA-JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. *Atividade 03 - Contextos De Interpretação*. Disciplina de Estudos da Interpretação I. 2021.

WITTER-MERITHEW, Anna; NICODEMUS, Brenda. Toward the International Development of Interpreter Specialization: An Examination of Two Case Studies. *Journal of Interpretation*: Vol. 20: Iss. 1, Article 8, 2012.

## APÊNDICE A – PLANILHA DE DADOS DE GARANTIA DE QUALIDADE SOBRE TRABALHOS DE INTERPRETAÇÃO

Parâmetros	Tipos de dados a serem mensurados	Resultado
<b>Pré-processo</b>	<b>Contrato</b>	
Solicitação recebida	Data (solicitação) vs. data do evento	
Canal de solicitação	Telefone, e-mail, outros	
Fonte/origem da solicitação	Recomendação, associação profissional	
Especificidade da solicitação	Quantidade de línguas, direção da interpretação, sessões, modalidade de interpretação, assunto a ser interpretado, etc.	
Línguas solicitadas	Número	
Direções da interpretação requeridas	Número	
Esforço consultivo investido	Quantas horas, materiais, questões perguntadas	
Tempo e esforço gastos na negociação	Ponto de partida vs. resultado final	
Assistência técnica	Tempo investido, recomendações feitas	
Elaboração de orçamento	Nível de detalhamento, contato com colegas	
Contrato assinado	Data do contrato vs. data do evento	
Línguas acordadas contratualmente	Número	
Pares linguísticos	Número	
Direção da interpretação	Número, especificação	
Contratos enviados para os membros do time	Número de membros do time, data	
Recebimento dos contratos assinados	Data, correções	
Cabines	Número, padrão de cabine	
Intérpretes	Número	
Ética profissional	Princípios, filiação a alguma associação profissional	
	<b>Preparação</b>	
Informações do assunto a ser interpretado	Quando e como foi disponibilizado?	
Especificidade das informações	Links, materiais de referências, manuscritos, gráficos	
Material recebido	Lista de datas de recebimentos dos documentos	
Consultas com o cliente	Duração (tempo investido), conteúdo	

Contato com os membros da equipe/time	Acessibilidade, tempo de resposta	
Distribuição de documentos	Distribuição seletiva (específica para o trabalho de cada intérprete) vs. 'enviar tudo para todos'	
Equipe e cronograma de trabalho	Cronograma de trabalho para cada intérprete	
Lideranças de cabine e time	Nomes	
Coordenação entre cabines	Liderança do time	
Preparativos específicos	Detalhes	
Tempo investido em preparação	Horas por intérprete	
Fontes de preparação	Cliente, internet, outros	
Mídias utilizadas para preparação	Dicionários, glossários, base de dados, etc.	
Preparação específica sobre a pessoa oradora	Detalhamento do tipo de preparação, com manuscrito ou gráficos	
Briefing	Duração, intensidade, fonte	
Coordenação da preparação	Divisão do trabalho, equidade (princípio da equidade)	
<b>Peri-processo</b>	<b>Dados sobre a demanda</b>	
Preparativos da viagem	Detalhes contratuais, horas	
Pontualidade	Se é aplicável, data de chegada	
Coordenação durante a conferência	Problemas, soluções	
Teste de funcionamento dos equipamentos	Sim/não (houve o teste ou não), problemas a serem especificados	
Funcionamento das instalações técnicas	Acústica, transmissão de áudio/vídeo, microfones, serviço técnico	
Número de cabines e intérpretes	Número, nomes	
Canais de transmissão	Ao vivo (direto), gravação, TV, etc.	
Cessão de direitos autorais	Extensão, propósito	
Línguas disponíveis	Pares linguísticos interpretados	
Direções das línguas usadas	Duração de cada língua, falada ou ouvida	
Turnos de interpretação	Número, duração dos turnos por intérprete	
Número de oradores e de ouvintes	Lista de presença, número de fones de ouvido utilizados	
Nível/grau de interatividade do evento	Número de contribuições do público, horas de discussão	
Duração da demanda	Duração total do evento, necessidade real de interpretação	



<b>Durante o processo</b>	<b>Condições, fatores</b>	
Perfil do evento	Tipo de conferência	
Estrutura de interação	Hierárquica, plana, painel de especialistas, especialistas para leigos, etc	
Posição das cabines	Visão da cabine, perceptibilidade	
Mídias utilizadas	PPTs, gráficos, vídeos, folhetos, etc.	
Disponibilidade de mídias	Quais mídias? quando foram disponibilizadas?	
Perfil/Estilo de entrega do texto fonte	Perfil para cada orador	
Tipos de entrega	Improvisada (com suas próprias palavras), manuscrito, mista, mídia utilizada	
Idioma do palestrante	Proficiência: (Não-)nativo, boa, média, ruim	
Duração e dinâmica da apresentação	Fluxo, velocidade (por palestrante)	
Tempos de trabalho e intervalos	Cronograma do evento	
Tempo adicional de trabalho	Coordenação, interpretação de diálogos nos intervalos, refeições	
Requisitos para interpretação	Tipos de interpretação necessárias/requeridas	
Perfil do time	Qualificações, experiência profissional, referências (por intérprete)	
Perfis/Estilos de entrega do intérprete	Parâmetros relacionados à produção por intérprete (conteúdo, forma, entrega, em níveis macro e micro)	
Perfil do destinatário da interpretação	Especialistas, leigos, público em geral	
Ouvintes por idioma	Porcentagem, status	
Composição da audiência/público	Línguas, culturas, grau de heterogeneidade	
Feedbacks para os intérpretes	Tipos, extensão, fonte	
Interpretação relay/relé	Porcentagem, direções, idiomas envolvidos	
<b>Pós-processo</b>	<b>Especificações do contrato</b>	
Confidencialidade	Pública / confidencial / classificada (sigilosa)	
Gestão de documentos	Devolução / processamento adicional	
Organização do pós-processamento	Tempo entre evento e pós processamento, grau/nível de diligência	
Autoavaliação	Frequência de gravações de si próprios feitas e revisadas, verificações em notas feitas	
Contato com o cliente	Feedback, satisfação do usuário/clientes, reclamações	
	<b>Geral</b>	

Atualização tecnológica	PC, laptop, e-mail, telefone celular, bases de dados, dicionários online, outros softwares, mídias impressas	
Manutenção de glossários próprios/particulares	Atualização das entradas e estrutura	
Treinamento adicional	Frequência, assuntos	
Treinamento linguístico adicional	Formas e métodos, intensidade	
Especialização	Tipos de medidas tomadas	

Fonte: Kalina (2005, p. 779-781, tradução nossa)

## APÊNDICE B – GUIA DE PREPARAÇÃO



### GUIA DE PREPARAÇÃO



Bem-vindo(a) ao guia de preparação e documentação elaborado por Monise F. Gomes. Você pode compartilhar, editar e adaptar a partir deste modelo. Para isso, duplique esta página no Notion e utilize em sua conta pessoal. Para mais informações escreva para [interpretemonise@gmail.com](mailto:interpretemonise@gmail.com).

O conteúdo desta página está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição (CC BY).

#### Etapa 1 - Briefing

Levantamento de algumas informações básicas iniciais. Essas informações são fornecidas pelo contratante do serviço. Elas lhe auxiliarão a avaliar a viabilidade de atender a demanda.

##### ▼ Clique para expandir

A primeira coluna são as informações a serem solicitadas. Utilize a segunda coluna para escrever as respectivas respostas.

	Insira sua resposta nesta coluna
Evento/situação:	
Responsável pelo contato (nome e meio de contato):	
Tema:	
Data e horário:	
Duração:	
Local/meio:	
Línguas de trabalho:	
Equipe necessária:	

Após avaliado sua disponibilidade, competência e habilidade para atender a demanda, elabore seu orçamento ([Lista de Referência de Honorários](#)).

No caso de Intérpretes Educacionais essa parte pode ser adaptada para um cabeçalho fixo contendo as informações da disciplina e professor, seu contato, horário da aula, número da sala etc.

## Etapa 2 - Preparação operacional e contextual

Solicite as informações necessárias para a pessoa que entrou em contato para realizar o preenchimento e/ou pesquise-as.

### ▼ Preparação Operacional

Nesta etapa, ocorrerá o detalhamento do tipo de interpretação e questões técnicas e operacionais.

<u>Modalidade de interpretação:</u>	
<u>Direcionalidade da interpretação:</u>	
<u>Interpretação direta ou indireta:</u> Se indireta, quais outras línguas envolvidas:	
<u>Espaço físico e/ou virtual:</u>	
<u>Equipamentos/tecnologia:</u>	
<u>Vestimenta:</u>	
<u>Registro:</u>	

### ▼ Preparação Contextual

Nesta etapa, as informações sobre o contexto e a situação devem ser pesquisadas/ coletadas.



Aproveite para descrever ao máximo o contexto situacional, todas as informações que conseguir encontrar/perguntar podem ser úteis.

<u>Contexto de atuação:</u>	
<u>Situação comunicativa:</u>	
<u>Participantes:</u>	
<u>Objetivo/propósito:</u>	

Quando aplicável, pesquise sobre o interlocutor/orador. Verifique se existe material disponível em forma de texto ou vídeo. Atente-se ao seu estilo e linguagem. Aproveite para começar o estudo do conteúdo. Para resumo do conteúdo, você pode utilizar ferramentas listadas em [Resumo e extração de dados](#):

Nome:	
Origem/língua:	
Formação:	
Área de trabalho/pesquisa:	
Publicações:	
Projetos:	

Palestras/vídeos:	
-------------------	--

### Etapa 3 - Preparação temática

Nesta etapa, você irá estudar o(s) tema(s) específico(s) que envolvem a interpretação, incluindo conceitos, terminologia e aspectos tradutórios.

#### ▼ Clique para expandir

- **Comece pelo título, que informações o título possui? Busque entender de forma geral do que se trata:**

Título:	
Assunto resumido:	

- **Verifique a página/site do evento (quando aplicável) em busca de conteúdo.**
- **Prossiga para o estudo dos documentos que foram disponibilizados (programa, ppt, textos, etc).**

Você pode anexar os arquivos aqui, para centralizar as informações:

--



Caso nenhum material tenha sido disponibilizado apesar da sua solicitação, busque fontes online sobre o tema (artigos, sites, vídeos etc). Isso também pode ser feito como complemento dos materiais, para se entender melhor o campo. Utilize materiais como glossários e dicionários (monolíngues e bilíngues) como fontes de pesquisa.



Certifique-se de pesquisar em sites oficiais confiáveis, preferencialmente de instituições respeitadas como universidades, e esteja atento à credibilidade das fontes.

Primeira leitura rápida:	identificação do que você não conhece
Conceitos e termos desconhecidos:	

- **Consolidação das informações pesquisadas:**



Ferramentas de IA podem ser úteis para extrair conteúdos de texto e aprofundar nas pesquisas de modo mais prático. Ver dicas de [ferramentas](#).

Resumo expandido	
Terminologia	Definição

Sinais específicos	Link, print ou descrição

- **Ensaie propostas de interpretação desses conceitos e termos. Pense nos possíveis problemas de interpretação e em soluções. Recomenda-se o registro (escrito ou em vídeo) das propostas pensadas.**

Termos e fraseologias	Propostas



- **Faça um mapa mental ou mapa conceitual (quando aplicável). Também utilize imagens, vídeos ou fluxogramas que encontrar.**

### 💡 Dicas de ferramentas para auxiliar o processo de preparação:

#### ▼ 📁 Ferramentas

Nesta seção, vamos apresentar algumas ferramentas que podem ser úteis para o intérprete se preparar. Essas ferramentas podem ser baseadas em IA (Inteligência Artificial) ou não, e têm o objetivo de proporcionar um meio mais rápido e prático para auxiliar a etapa de preparação.

#### ▼ Resumo e extração de dados

<p><b>Use AI To Summarize Scientific Articles - SciSummary</b>            AI Driven tools for researches and students. Use AI to summarize and understand scientific articles and research papers.</p> <p><a href="https://scisummary.com/">https://scisummary.com/</a></p>	
<p><b>DocuSpeed</b>            Revolutionize Reading with AI</p> <p><a href="https://docuspeed.ai/">https://docuspeed.ai/</a></p>	
<p><b>Ask &amp; Summarize</b>            - Save time and effort by getting summarized articles directly from your favorite browser - Article summarization can be done either within the app or by tapping the share button in your favorite web browser and selecting the app icon (more</p> <p><a href="https://apps.apple.com/us/app/ask-summarize/id6446225669">https://apps.apple.com/us/app/ask-summarize/id6446225669</a></p>	

## APÊNDICE C – SUGESTÕES DE FERRAMENTAS PARA A PREPARAÇÃO

Resumo e extração de dados	SCI Summary	<a href="https://scisummary.com/">https://scisummary.com/</a>
	DocuSpeed	<a href="https://docuspeed.ai/">https://docuspeed.ai/</a>
	Ask & Summarize	<a href="https://apps.apple.com/us/app/ask-summarize/id6446225669">https://apps.apple.com/us/app/ask-summarize/id6446225669</a>
	Note GPT	<a href="https://notegpt.io/youtube-video-summarizer">https://notegpt.io/youtube-video-summarizer</a>
	Notta	<a href="https://www.notta.ai/en/tools/youtube-video-summarizer">https://www.notta.ai/en/tools/youtube-video-summarizer</a>
	Sci Space	<a href="https://typeset.io/">https://typeset.io/</a>
	AntConc	<a href="https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/">https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/</a>
Extrair texto de imagem	Brand Folder	<a href="https://brandfolder.com/workbench/extract-text-from-image">https://brandfolder.com/workbench/extract-text-from-image</a>
Mapa mental	ChatMind	<a href="https://chatmind.tech/pt">https://chatmind.tech/pt</a>
Pesquisa de conceitos/termos	Gemini	<a href="https://gemini.google.com/app">https://gemini.google.com/app</a>
	ChatGPT	<a href="https://chat.openai.com/">https://chat.openai.com/</a>
	Microsoft Copilot	<a href="https://copilot.microsoft.com/">https://copilot.microsoft.com/</a>
	Notion AI	<a href="https://www.notion.so/login">https://www.notion.so/login</a>
Flashcards	App Flashcard	<a href="https://play.google.com/store/apps/details?id=flashcards.words.words&amp;hl=pt_BR&amp;gl=US">https://play.google.com/store/apps/details?id=flashcards.words.words&amp;hl=pt_BR&amp;gl=US</a>
	App Ankidroid	<a href="https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ichi2.anki&amp;hl=pt_BR">https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ichi2.anki&amp;hl=pt_BR</a>
	RemNote	<a href="https://www.remnote.com">https://www.remnote.com</a>

Fonte: elaborado pela autora

## ANEXO A – QA DATA SHEET ON INTERPRETING ASSIGNMENTS

Parameters	Type of data to be measured	Result
<b>Pre-process</b>	<b>Contract</b>	
Inquiry received	Date vs. date of event	
Inquiry channel	Telephone, e-mail, others	
Source/origin of inquiry	Recommendation, professional association	
Specificity of inquiry	Number of languages, directions, sessions, interpreting mode, subject matter etc.	
Languages requested	Number	
Language directions requested	Number	
Advisory effort invested	Hours, materials, questions asked	
Time and effort spent on negotiating	Point of departure vs. end result	
Technical assistance	Time invested, recommendations made	
Drawing up of quotation	Degree of detail, contact with colleagues	
Contract signed	Contract date vs. date of event	
Contractually agreed languages	Number	
Language combinations	Number	
Language directions	Number, specification	
Contracts sent to team members	Number of team members, date	
Receipt of signed contracts	Date, correctness	
Booths	Number, standards	
Interpreters	Number	
Professional ethics	Principles, membership of prof. assoc.	
	<b>Preparation</b>	
Subject matter information	Available when and how?	
Information specificity	URLs, reference mat., manuscripts, charts	
Material received	List of dates of received documents	
Consultation with client	Time invested, content	
Contact with team members	Accessibility, time taken to respond	
Document distribution	Selective distribution vs. 'everything to everyone'	
Team and working schedule	Schedule of work for each interpreter	
Heads of booth and team	Names	
Coordination between booths	Head of team	
Special arrangements	Details	



Time invested in preparation	Hours per interpreter	
Preparation sources	Client, internet, others	
Media used for preparation	Dictionaries, glossaries, data bases, etc.	
Speaker-specific preparation	Type, detail, with manuscript or charts	
Briefing	Length, intensity, source	
Preparation coordination	Division of work, fair-share principle	
<b>Peri-process</b>	<b>Data on assignment</b>	
Travel arrangements	Contractual details, hours	
Punctuality	If applicable, date of arrival	
In-conference coordination	Problems, solutions	
Equipment test run	Yes/no, problems to be specified	
Functioning of technical installations	Acoustics, video/audio transmission, microphones, technical service	
Number of booths, interpreters	Number, names	
Transmission channels	Direct, recording, TV, etc.	
Cession of copyright	Extent, purpose	
Available languages	Language combinations	
Language directions used	Lengths of languages spoken/ listened to	
Interpreting turns	Number, length of turns per interpreter	
Number of speakers / listeners	Attendance list, number of headsets used	
Degree of interactivity of event	Number of floor contributions, hours of discussion	
Assignment duration	Total length of event, actual need for interpretation	
<b>In-process</b>	<b>Conditions, factors</b>	
Profile of event	Type of conference	
Structure of interaction	Hierarchical, flat, expert panel, expert to laypeople, etc.	
Booth position	Vision from booth, perceptibility	
Media used	PPTs, charts, video, handouts, etc.	
Media availability	Which media, available when?	
Delivery profiles ST	Profile for each speaker	
Delivery types	Extempore, manuscript, mix, media used	
Speaker language	(Non-)native, good, average, poor	
Length of presentation, dynamics	Flow, speed (per speaker)	
Working time and breaks	Time schedule of event	
Additional working time	Coordination, dialogue interpreting during breaks, meals	
Interpreting requirement	Types of interpreting required	

Team profile	Qualifications, professional experience, references (per interpreter)	
Interpreter delivery profiles	Output-related parameters per interpreter (content, form, delivery, at macro and micro level)	
Addressee profiles	Experts, laypeople, general public	
Listeners per language	Percentage, status	
Composition of audience	Languages, cultures, degree of heterogeneity	
Feedback to interpreters	Types, extent, source	
Relay interpreting	Percentage, directions, languages involved	
<b>Post-process</b>	<b>Contract-specific</b>	
Confidentiality	Public / confidential / classified	
Management of documents	Return / further processing	
Organization of post-processing	Time between event and post-processing, degree of diligence	
Self-evaluation	Frequency of self-recordings made and reviewed, checks on notes	
Contact with client	Feedback, user satisfaction, complaints	
	<b>General</b>	
Technological upgrading	PC, laptop, E-Mail, mobile phone, data bases, e-dictionaries, other software, print media	
Maintenance of own glossaries	Updating of entries and structure	
Further training	Frequency, subjects	
Further linguistic training	Ways and methods, intensity	
Specialization	Type of measures taken	

Fonte: Kalina (2005, p. 779-781)



## ANEXO C – DOCUMENTO AIIC



### Tips on helping interpreters prepare for your meeting

Preparation is the invisible work that contributes to the success of meetings large and small – and one of the main reasons why interpreters are so often heard but not really noticed.

---

Luigi LUCCARELLI.

Published: May 9, 2013 Last updated: December 2, 2015

---

**Preparation is essential** whether working face-to-face with people in a hospital or immigration office, or in a booth at the back of a meeting room. But before taking a look at the why and how of preparation, let's get a couple of things clear.

First, translation of any kind is not simply about *knowing languages*; that's just a prerequisite for a job that's all about conveying what a speaker says. Within this communication process, a language is no more than a raw material waiting to be formed into a finished product – the message. And to perform the task successfully, interpreters must have a complete grasp of subject matter and the context they are working in.

From that it follows that translation is not about finding one-for-one word equivalents. To fashion a finished product greater than the sum of its parts, many resources come into play – knowledge, contextualization, rapid analysis, cohesion, subtlety of expression, correct terminology, etc.

And that brings us back to preparation because it's the stage during which all these elements are readied. Compare it to the research a biographer does before sitting down to write. Or think of the accomplished speaker you've invited who expressly gets ready to address *your group* – that's part of what has made him successful.

#### It's not just about the speeches

If you have hired interpreters in the past, you may have been peppered with requests for *documents* possibly to the point of annoyance. Understandable, but if you are looking for professionals who know how to communicate, beware of those who do not ask or don't know what to ask for!

Let's take a look at what's behind the requests and possibly clear up some common misunderstandings. First, the word *documents* when used by an interpreter refers to much more than material specific to the upcoming meeting. Secondly, there is a broad range of useful documents likely to be within easy reach. Lastly, interpreters really want to be prepared; it's part of the job description. They know that both general background and specific subject knowledge play a fundamental role in what they do.

#### What your interpreters can use

So here are a few suggestions on how to satisfy those entreaties for *documents* and reap the rewards of sound conference preparation.

**The agenda** may not seem like much but it's chock-full of information. It shows how the meeting is organized – schedule, speeches/presentations, discussion and breakout sessions, etc. Add on **speakers' résumés and the list a participants** (individuals and organizations) and it's even better.

**Reports or talks from previous meetings** are great. Sure, this year's conference will be different, but we're talking about background. Minutes, position papers, even general information about your organization will illustrate what you are all about. Your interpreters will gain insight into areas under discussion, pick up procedural information and learn how your cohort talks.

**Any background material** made available to participants, especially information on the purpose of the meeting, should be made available to your language people also. It will help them put things in context and construct mind maps that will inform their work.

**Your website** and those of any partner groups will be extremely useful – and perhaps should have been mentioned first. After all, the website might well be the place all the information mentioned above is available. Paperless is possible – and interpreters have long gone electronic.

**Direct person-to-person contact** is sometime forgotten in our high-tech world but shouldn't be. Maximize communication by minimizing the distance between your organization and the interpreters. Having a single contact person on each side is advisable.

**A pre-meeting briefing/Q&A session** can be beneficial for both sides, especially if the topic is highly specialized.

And if **speeches or power points** do come in before (or even during) the meeting, by all means make them available. Your interpreters will be able to prepare them in context having studied everything you provided previously.

*But isn't interpreting an impromptu activity?* Definitely. And thorough preparation helps interpreters deal with the unexpected, not just during speeches but also throughout discussion and Q&A sessions.

*Some of the information mentioned here is confidential?* Don't worry: professionals are bound by **absolute confidentiality** before, during and after an assignment.

### **To sum up**

It's all about communication. Interpreters get a buzz from putting knowledge gained and reinforced through methodical preparation into use and performing well - which is just another way of saying that they take pride in helping people communicate.

---

#### **Related information on the AIIC website**

[Briefing the interpreters](#)

[Public speaking at international events](#)

[Chairing multilingual meetings](#)

[Tips for conference organisers and goers](#)

---